



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

WILSON DE CREDDO MAESTRO

**A PERMUTA DE INTERESSES:
PERSPECTIVAS SOBRE A ESTRATÉGIA PARA O
ASSENTAMENTO DE REFUGIADOS NA COLÔNIA ROLAND
(1935-1939)**

Londrina
2022

WILSON DE CREDDO MAESTRO

A PERMUTA DE INTERESSES:
PERSPECTIVAS SOBRE A ESTRATÉGIA PARA O
ASSENTAMENTO DE REFUGIADOS NA COLÔNIA ROLAND
(1935-1939)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para a obtenção do título de Graduação em História.

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Neves Soares

Londrina
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de
Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

M186p MAESTRO, Wilson de Creddo.

A Permuta de Interesses : perspectivas sobre a estratégia para o assentamento de refugiados na Colônia Roland (1935-1939) / Wilson de Creddo MAESTRO. - Londrina, 2022.
90 f. : il.

Orientador: Marco Antonio Neves Soares.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Graduação em História, 2022.

Inclui bibliografia.

1. Imperialismo - TCC. 2. Norte do Paraná - TCC. 3. Colônia Roland - TCC. 4. Permuta de Interesses - TCC. I. Soares, Marco Antonio Neves. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Graduação em História. III. Título.

CDU 93

WILSON DE CREDDO MAESTRO

A PERMUTA DE INTERESSES:

**PERSPECTIVAS SOBRE A ESTRATÉGIA PARA O
ASSENTAMENTO DE REFUGIADOS NA COLÔNIA ROLAND
(1935-1939)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Departamento de História da
Universidade Estadual de Londrina, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Graduação em História.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Marco Antonio Neves
Soares
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Wander de Lara Proença
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Profa. Dra. Cássia Maria Popolin
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Londrina, ____ de _____ de ____.

Este trabalho é dedicado à minha amada tia Edna (in memoriam), que sempre cuidou de mim com muito amor e carinho. Obrigado por tudo, onde quer que esteja.

AGRADECIMENTOS

À minha família, especialmente aos meus pais Wilson e Eliane por me apoiarem na vida, em toda minha caminhada na UEL e sempre confiarem no meu potencial. Sem o suporte e incentivo de vocês eu não seria nada. Sou eternamente grato por tê-los em minha vida.

Ao professor Marco Antonio, primeiro por todas as oportunidades ao longo desses anos de graduação. Agradeço pela confiança no meu trabalho, pelos conselhos, críticas, as sempre bem humoradas orientações e, claro, nossa amizade. Obrigado por tanto, Tatau!

À Universidade Estadual de Londrina, por proporcionar um dos melhores momentos da minha vida. Junto a ela, os professores do curso de História que contribuíram para minha formação. Foi uma honra poder contar com profissionais tão incríveis e inspiradores. Muito obrigado por todos os ensinamentos ao longo desses anos.

Ao Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica, por me acolher tão bem em tempos tão difíceis. Foi uma honra poder colaborar como estagiário neste maravilhoso e importante órgão da Universidade, junto de pessoas incríveis. Agradeço também aos profissionais que nele atuam, por se dedicarem tanto à um local que eu muito amo.

À Helena, que me acompanhou e sofreu junto comigo durante todo o processo de desenvolvimento deste trabalho, mas que nunca me deixou na mão, muito menos permitiu que eu desistisse ou fizesse corpo mole. Serei eternamente grato por fazer parte dessa fase tão importante da minha vida, independentemente de qualquer coisa.

Por fim, aos amigos que me acompanharam durante a minha formação, tornando todo o processo menos árduo. Agradeço pelos trabalhos em grupo, pelas boas risadas e pelo incentivo durante toda essa caminhada. Vocês foram e são muito especiais.

“É desse modo que se discute o estrangeiro aqui e não no sentido em que muitas vezes no passado se tocou neste assunto, considerando o viajante que chega hoje e parte amanhã, porém mais no sentido de uma pessoa que chega hoje e amanhã fica. Este é, por assim dizer, o viajante potencial: embora não tenha partido, ainda não superou completamente a liberdade de ir e vir.”

(Georg Simmel – O Estrangeiro)

MAESTRO, Wilson de Creddo. **A Permuta de Interesses**: perspectivas sobre a estratégia para o assentamento de refugiados na Colônia Roland (1935-1939). 2022. 90 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – História, Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2022.

RESUMO

A presença do capital britânico no norte do Paraná nos anos finais da década de 1920, representado, sobretudo, pela *Parana Plantations Ltd.* e seus empreendimentos – colonizador e ferroviário –, marcou as intenções imperialistas existentes sobre tal localidade. Neste mesmo contexto, a Alemanha, que encontrava-se fragmentada após as imposições do Tratado de Versalhes assinado em 1919, buscava reorganizar seu território e estabelecer novas colônias fora do país. Surgiu como produto do encontro desses dois imperialismos no norte do Paraná - o britânico, de teor econômico, e o alemão, de teor político - um assentamento destinado a famílias de origem alemã: a Gleba Colônia Roland. No entanto, a partir da intensificação das perseguições étnico-religiosas, ocasionadas pela ascensão do nazismo em 1933, encontrou-se nesta Colônia a possibilidade de refugiar opositores do regime e famílias de origem judaica. Para tanto, devido às restrições econômicas impostas pelo governo nazista, fez-se necessário o planejamento de um esquema baseado em uma triangulação, que ficou conhecido como “Permuta de Interesses”. A estruturação das operações triangulares vigentes para o ano de 1936 foi estabelecida a partir de uma reunião e consta registrada em ata. Este documento pôde ser localizado no Fundo Oswald Nixdorf, um dos acervos encontrados no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica da Universidade Estadual de Londrina. Partindo deste contexto, o presente trabalho tem por objetivo identificar na ata da reunião elementos que indiquem o caráter oficializador deste documento, em relação à Permuta de Interesses. Deste modo, pretende-se a realização de comparações entre o conteúdo da ata e os relatos/entrevistas dos imigrantes, visando observar possíveis semelhanças e/ou diferenças entre as narrativas e o documento da reunião, o que pode resultar na confirmação do documento como um oficializador do esquema.

Palavras-chave: Imperialismo; Norte do Paraná; Colônia Roland; Permuta de Interesses; Refugiados.

MAESTRO, Wilson de Creddo. **The Exchange of Interests**: perspectives on the strategy for the settlement of refugees in the Roland Colony (1935-1939). 2022. 90 f. Monograph (History Undergraduate Studies) – State University of Londrina, Londrina, 2022.

ABSTRACT

The presence of British capital in northern Paraná in the late 1920s, mainly represented by Parana Plantations Ltd. and its companies – colonizer and railway –, marked the existing imperialist intentions on that locality. In this same context, Germany, which was fragmented after the impositions of the Treaty of Versailles signed in 1919, sought to reorganize its territory and establish new colonies outside the country. It emerged as a product of the meeting of these two imperialisms in northern Paraná - the British, of an economic nature, and the German, of a political nature - a settlement destined for families of German origin: the Gleba Colônia Roland. However, as a result of the intensification of ethnic-religious persecution, caused by the rise of Nazism in 1933, the possibility of taking refuge in this Colony for opponents of the regime and families of Jewish origin was found. To this end, due to the economic restrictions imposed by the Nazi government, it was necessary to plan a scheme based on a triangulation, which became known as "Exchange of Interests". The structure of the triangular operations in effect for the year 1936 was established from a meeting and is recorded in the minutes. This document could be found in the Oswald Nixdorf Fund, one of the collections found in the Center for Documentation and Historical Research of the State University of Londrina. Based on this context, the present work aims to identify in the minutes of the meeting elements that indicate the official character of this document, in relation to the Exchange of Interests. In this way, it is intended to carry out comparisons between the content of the minutes and the reports/interviews of the immigrants, aiming to observe possible similarities and/or differences between the narratives and the document of the meeting, which may result in a "making official" characteristic of the document in relation to the scheme.

Keywords: Imperialism; Northern Paraná; Roland Colony; Exchange of Interests; Refugees.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Território da CTNP em 1930 (recorte do mapa).....	26
Figura 2 – Prospectos da CTNP de 1934 sobre as terras à venda	37
Figura 3 – A Permuta de Interesses exemplificada	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANSA	Arbeits-Notgemeinschaft für Siedlung und Auswanderung (Associação Emergencial para Estabelecimento e Emigração)
CMNP	Companhia Melhoramentos Norte do Paraná
CTNP	Companhia de Terras Norte do Paraná
GFK	Gesellschaft zur Förderung der inneren Kolonisation (Sociedade para Promoção da Colonização Interna)
GSA	Gesellschaft für Siedlung im Auslande (Sociedade para Colonização no Estrangeiro)
GWS	Gesellschaft für wirtschaftliche Studien in Übersee (Sociedade para Estudos Econômicos do Ultramar)
MAN	Maschinenfabrik Augsburg-Nürnberg
NDPH	Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica
NSDAP	Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei (Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães)
PP LTD	Parana Plantations Limited
UEL	Universidade Estadual de Londrina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	13
2. CONTEXTO BRITÂNICO E ALEMÃO E A COLÔNIA ROLAND COMO PRODUTO DOS IMPERIALISMOS	18
2.1 Sobre Imperialismo e as relações Grã-Bretanha x Brasil.....	18
2.2 A Missão Montagu e a presença de Lord Lovat no norte do Paraná	21
2.3 As atuações do Imperialismo na Terra Vermelha	27
2.4 O contexto alemão: imigrações no século XIX à República de Weimar.....	31
2.5 Processos de formação da colônia alemã no norte do Paraná	34
2.6 O acesso às terras após 1933 e o encontro de dois Imperialismos	39
3. A FORMAÇÃO DA COLÔNIA ROLAND: O CONFLITO DE PERSPECTIVAS E A PERMUTA DE INTERESSES	42
3.1 Oswald Nixdorf: da direção colonial à polêmica nazista	42
3.2 Sobre a mitologização de Oswald Nixdorf	45
3.3 Johannes Schauff: do <i>Reichstag</i> à Colônia Roland	47
3.4 Conflito de perspectivas: Nixdorf x Schauff.....	48
3.5 A Permuta de Interesses: funcionamento das operações triangulares	51
3.6 Análise sobre a ata produzida em 1935.....	54
4. ABORDAGENS SOBRE A PERMUTA DE INTERESSES E O DOCUMENTO COMO OFICIALIZADOR DAS NEGOCIAÇÕES.....	66
4.1 Operações triangulares: reflexões e dificuldades.....	66
4.2 Diferentes narrativas sobre a Permuta de Interesses: historiografia.....	70
4.3 Diferentes narrativas sobre a Permuta de Interesses: a visão dos imigrantes.....	74
4.4 Experiências traumáticas e ressentimentos: memória x documento.....	78
4.5 A ata da reunião como documento oficializador do esquema.....	81
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS.....	87

1. INTRODUÇÃO

Compreender as construções sobre a história regional do norte do Paraná demanda a percepção da divisão existente entre “norte do Paraná” como recorte geográfico, e “Norte do Paraná” como uma construção ideológica, conforme proposto por Tomazi¹. Posto isso, sabe-se que o surgimento dessa região – tanto geograficamente, quanto ideologicamente – foi um dos produtos da atuação do capital britânico no Brasil.

O empreendimento colonizador da *Parana Plantations Ltd.*, representado no Brasil pela Companhia de Terras Norte do Paraná, demonstra o exercício do imperialismo britânico na localidade onde a mata virgem ainda era dominante, no final da década de 1920. Todavia, é errôneo afirmar que eram áreas inexploradas ou desocupadas, quando abordarmos sobre a região onde atualmente se encontra o norte do Paraná.

Para tanto, houve a imposição de uma narrativa sobre o Norte do Paraná que prezou pela criação de uma imagem onde se destaca o “desbravamento” daquilo que ainda era selvagem, algo que se assemelha com a construção da “Marcha para o Oeste” estadunidense, sobretudo em relação à exclusão dos povos nativos. A respeito deste assunto, Tomazi argumenta que

O processo de exclusão ocorrerá gradativamente, iniciando-se com a exclusão do indígena, exclusão esta, que já vinha se processando há muito tempo, mas que a partir do século XIX se dá de uma forma sistemática. A ‘barbárie’ e a ‘selvageria’ deveriam ser eliminadas por ações violentas e bárbaras.²

Além disso, mais um elemento que compõe essa narrativa é a imagem do Eldorado, que foi reforçada após o sucesso cafeeiro na região norte do Paraná. A ideia de terra do progresso e das riquezas repercutiu positivamente nos negócios da CTNP, visto que este argumento foi inserido na propaganda realizada pela Companhia dentro e fora do país.

¹ TOMAZI, Nelson Dacio. **Norte do Paraná: histórias e fantasmagorias**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

² Ibid., p. 19.

Por outro lado, deve-se destacar que este ideal de sucesso e riquezas para aqueles que se estabelecessem nas terras da CTNP se aplicou somente a uma parcela da população. De acordo com Arias Neto,

A presença de homens e mulheres, os quais atuaram na construção da cidade e da região, foi dissimulada pelo ímpeto das imagens do progresso e suas memórias foram soterradas por cronistas, historiadores e cientistas sociais, cujos olhares estavam ofuscados pelo brilho que emanava da *Cidade de Ouro*.³

Posto isso, sabe-se que a ideia do progresso era seletiva. O dinheiro, a fortuna, o Ouro Verde estava ali apenas para uma pequena parte. A história, neste caso, ficou representada somente pelos “vencedores”. Concomitante a isto, proliferou-se a questão do pioneiro, que ficou marcado por ser aquele que travou uma batalha contra a floresta e se sobressaiu em tempos de escassez e dificuldades.

Outro termo que retrata uma construção ideológica no contexto do Norte do Paraná, embora mais localizado, é proposto por Kosminsky⁴. Ela utiliza “Terra Prometida” para se referir à Rolândia, em referência à numerosa presença de judeus que se refugiaram nesta localidade. Apesar de, a princípio, a colocação de Kosminsky parecer coerente, ao analisarmos mais a fundo a construção histórica da Gleba Colônia Roland, é possível notar contradições neste discurso.

Em ritmo de fuga, os perseguidos atravessam o Atlântico buscando por um local resguardado, distante das atrocidades que ganhavam força na Alemanha. Encontram no meio da mata virgem um refúgio, considerando que finalmente não seriam mais castigados injustamente. No entanto, a tal Terra Prometida, que estaria “reservada” aos judeus, não cumpriu sua promessa. Não demorou para encontrarem vestígios daquela Alemanha doente na Terra Vermelha. A insegurança aumentou ao passo que o próprio diretor da Colônia, Oswald Nixdorf – a quem todos os colonos deveriam confiar –, demonstrou flertar com o nazismo.

Um elemento perceptível na construção histórica sobre a Gleba Colônia Roland é a tentativa da criação de um mito fundador, que por vezes se divide entre a figura de Nixdorf e Johannes Schauff. De acordo com o Dicionário Prático de Filosofia,

³ ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado**: representações da política em Londrina (1930-1975). Londrina: EDUEL, 2008. p. xiii.

⁴ KOSMINSKY, Ethel Volfzon. **Rolândia, a terra prometida**: judeus refugiados do nazismo no norte do Paraná. São Paulo: Centro de Estudos Judaicos, 1985.

[...] a etnologia mostra hoje que os mitos têm importantes funções sociais: asseguram a coesão do grupo ao fornecerem, principalmente sob a forma de uma **narrativa das origens** relatada de maneira ritual, uma justificação à ordem, simultaneamente natural e social, do mundo.⁵

Portanto, a ânsia pela “narrativa das origens” e por definir um sujeito como fundador da Colônia é explicada através da necessidade de seguir uma ordem natural e social, ou seja, estabelecer o início em determinado ponto, para que exista uma linha sequencial de acontecimentos.

A história não deveria se preocupar com os princípios, ou seja, com o ídolo das origens. De acordo com Bloch, “Para o vocabulário corrente, as origens são um começo que explica. Pior ainda: que basta para explicar. Aí mora a ambiguidade, aí mora o perigo”⁶. Em correlação com as questões sobre o discurso do Norte do Paraná, debruçar-se sobre as origens significa valorizar o culto ao pioneiro. Entretanto, a heroicização constituída sobre o pioneirismo no Norte do Paraná se mostrou excludente, visto a construção de narrativas que enaltecem a presença dos patrões, em um contexto em que o trabalhador foi o edificador da cidade, bem como da região. Conseqüentemente, a busca pelos princípios, pela narrativa das origens, ocasiona a mitologização de figuras que centram em si – muitas vezes devido às boas condições financeiras, ou a questões sociais – as ações de vários indivíduos esquecidos.

Este é o contexto histórico que se encontra inserida a presente pesquisa. Outros elementos basilares para o trabalho, anexados nesta mesma circunstância são: o encontro dos Imperialismos britânico e alemão – sendo a Gleba Colônia Roland um produto dessa convergência –, a ser trabalhado no primeiro capítulo; o planejamento e execução do projeto que direcionou diversas famílias perseguidas ao norte do Paraná, no segundo capítulo; e as experiências traumáticas evidentes nos relatos e entrevistas sobre as transições da Alemanha ao Brasil, no terceiro e último capítulo.

Entende-se como “negociações triangulares”, ou “Permuta de Interesses” o projeto que proporcionou a chegada das famílias que estavam sofrendo perseguições na Alemanha. O estabelecimento desta rede de auxílios se deu em concordância entre

⁵ CLÉMENT, Élisabeth *et al.* **Dicionário Prático de Filosofia**. Lisboa: Terramar, 1999. p. 257. (grifo nosso)

⁶ BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. p. 56-57.

os britânicos, representantes da *Parana Plantations*, e os alemães representantes da Gleba Colônia Roland: Johannes Schauff e Erich Koch-Weser.

Um recorte sobre a tal Permuta de Interesses pôde ser identificado a partir da ata de uma reunião, ocorrida em 13 de novembro de 1935. Em síntese, a reunião se deu visando a deliberação sobre algumas medidas associadas às operações triangulares que seriam executadas no ano de 1936. A partir deste documento, tem-se a possibilidade de perceber mais a fundo algumas questões a respeito da Permuta estabelecida.

No tocante às questões das experiências traumáticas possíveis de serem identificadas nos relatos dos participantes, Burke argumenta que,

Transplantar-se da terra natal para o que seria conveniente chamar de 'terra acolhedora' envolve o trauma do deslocamento e a ruptura na carreira, sensações de insegurança, isolamento e nostalgia, além de problemas práticos, como desemprego, pobreza, dificuldades com o idioma estrangeiro, conflitos com outros exilados e com algumas das pessoas do local [...]. Não se deve esquecer a perda do *status* profissional que se segue à imigração [...].⁷

Identifica-se nos imigrantes estabelecidos na Gleba Colônia Roland praticamente todos estes elementos apresentados no excerto. Além disso, cabe ressaltar que nem todos os exilados fixados na Colônia eram judeus, ou de origem judaica. Somado a estes, houve ainda opositores do regime nazista e políticos do *Zentrum*, o Partido do Centro Alemão.

Tendo isso em mente, tomou-se como objetivo central deste trabalho, compreender a possibilidade de considerar a ata da reunião como o documento oficializador do esquema de triangulação, conhecido como Permuta de Interesses. Para tal, após a construção do contexto histórico em que o documento se encontra, buscou-se efetuar o levantamento e assimilação dos itens dispostos na fonte, a partir de uma análise documental.

Em seguida, foi realizada uma comparação entre os elementos presentes na ata, os registros historiográficos que abordam sobre a Permuta de Interesses, e as entrevistas e relatos dos imigrantes que participaram das negociações para aquisição de terras em troca dos materiais ferroviários.

⁷ BURKE, Peter. **Perdas e ganhos**: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000. São Paulo: Editora Unesp, 2017. p. 18.

O período utilizado como recorte temporal se inicia em 1935, por ser o ano em que se deu a reunião, logo, a produção da ata. O encerramento deste período foi estabelecido em 1939 devido às últimas transações triangulares terem sido realizadas neste ano, visto as dificuldades encontradas a partir do início da Segunda Guerra Mundial.

Além da ata da reunião, foram utilizadas outras fontes documentais encontradas no Fundo Oswald Nixdorf que se inserem na temática trabalhada, a fim de compreender detalhes que muitas vezes não são expostos na bibliografia sobre o tema, além de ser um artefato que permite o enriquecimento do nível de minuciosidades da pesquisa.

2. CONTEXTO BRITÂNICO E ALEMÃO E A COLÔNIA ROLAND COMO PRODUTO DOS IMPERIALISMOS

2.1 Sobre Imperialismo e as relações Grã-Bretanha x Brasil

Marcados pelo contexto da crescente tecnológica alcançada a partir da modernização das indústrias através das Revoluções Industriais, os anos finais do século XIX e iniciais do século XX apresentaram uma intensa disputa econômica e política entre potências, lideradas por Grã-Bretanha, França e Alemanha, que possuíam a ideologia do “progresso” como objetivo comum. Segundo Hobsbawm, “Era na tecnologia e em sua consequência mais óbvia, o crescimento da produção material e da comunicação, que o progresso era mais evidente”⁸.

Este crescimento da produção material dispôs a Grã-Bretanha como destaque entre as potências da época, visto que eram os maiores exportadores de produtos industrializados, de capital, de serviços financeiros e o maior mercado comprador das exportações de produtos primários do mundo⁹. O domínio econômico britânico acabou por provocar crescimento na concorrência, gerando uma movimentação pela busca da incrementação na margem de lucro das empresas de outras nacionalidades.

Dentre a tendência ao monopólio e oligopólio analisados por Hobsbawm¹⁰, a procura de uma solução que cooperasse para o aumento do lucro empresarial acabou guiando todo este contexto às expansões das fronteiras. Como indica Hobsbawm “[...] não há como negar que a pressão do capital à procura de investimentos mais lucrativos, bem como a da produção à procura de mercados, contribuíram para as políticas expansionistas – inclusive a conquista colonial”¹¹.

Surgiu a partir deste contexto o conceito que conhecemos por “Imperialismo”, como pontuado por Arendt: “O imperialismo surgiu quando a classe detentora da produção capitalista rejeitou as fronteiras nacionais como barreira à expansão econômica”¹². Este jogo de concorrências travado entre as grandes potências europeias nos anos finais do século XIX atingem, desta forma, o patamar mundial,

⁸ HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 30.

⁹ Ibid.

¹⁰ Ibid. p. 45

¹¹ Ibid. p. 46

¹² ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 122

propiciando o subjugamento de nações abundantes em recursos, as quais eram tidas como menos fortes politicamente.

Segundo Silva em seu Dicionário de Conceitos Históricos,

[...] a palavra 'imperialismo' apareceu apenas em 1870, sendo bastante utilizada entre 1890 e 1914, e servindo ainda hoje para designar práticas militares e culturais desenvolvidas por potências para exercer domínio sobre outros Estados, politicamente independentes.¹³

Neste sentido, entende-se que o contexto dos anos finais do século XIX e iniciais do século XX ficaram marcados por essa influência das potências sobre outros países menos influentes.

O crescente domínio europeu sob outras nações entre 1870 e 1914 não se limitou somente à política e economia, mas grande parte dentro da cultura, onde “[...] se sobressaía a crença na superioridade cultural e racial dos europeus”¹⁴.

De toda influência econômica e política exercida nos territórios ao redor do globo neste período,

Duas regiões maiores do mundo foram, para fins práticos, inteiramente divididas: África e Pacífico. Não restou qualquer Estado independente no Pacífico, então totalmente distribuído entre britânicos, franceses, alemães, holandeses, norte-americanos e – ainda em escala modesta – japoneses.¹⁵

O caso da Partilha da África se porta como um dos importantes exemplos no que diz respeito à dominação europeia do globo. Relacionado a isso, pode-se considerar que tais práticas imperialistas realizadas pelas potências da Europa influenciaram diretamente no desenrolar da Primeira Grande Guerra, como indicado por Hobsbawm “As rivalidades entre as potências capitalistas que levaram a essa divisão também geraram a Primeira Guerra Mundial”¹⁶.

Diferentemente do caso africano, a América acabou por não sofrer diretamente com a divisão territorial realizada pelos europeus, visto que “Na América Latina, o imperialismo do fim dos séculos XIX e XX foi principalmente financeiro e comercial, ou seja, em geral não houve dominação política, mas sim dependência econômica”¹⁷.

¹³ SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p. 218

¹⁴ Ibid. p. 219.

¹⁵ HOBBSAWM, **op. cit.**, p. 57.

¹⁶ Ibid. p. 60.

¹⁷ SILVA, **op. cit.**, p. 220.

No caso do Brasil, o vínculo com os britânicos se fortaleceu nos anos iniciais do século XIX a partir da vinda da Família Real após o bloqueio continental aplicado por Napoleão Bonaparte. O traslado da nobreza de Portugal, realizado sob escolta britânica, marcou na história brasileira o início do processo de emancipação da metrópole, e a possibilidade de inserção da influência econômica da Grã-Bretanha no sistema brasileiro. Desta forma, como indicado por Cain e Hopkins¹⁸, pode-se verificar a questão da prática do “imperialismo informal” no contexto sul-americano, ou seja, a ausência da dominância política com foco nas questões econômicas.

Cain e Hopkins apontam que “De muitas maneiras, o Brasil foi o satélite mais acomodado e bem-sucedido da Grã-Bretanha na América do Sul durante a primeira metade do século XIX”¹⁹. Essa estreita e bem-sucedida relação entre Grã-Bretanha e Brasil resultou em uma crescente dependência por parte do governo brasileiro para com os britânicos, especialmente no que tange aos empréstimos financeiros.

O envolvimento da família Rothschild com a economia brasileira em meados de 1855 concretizou a questão dos empréstimos realizados ao governo do Brasil, introduzindo de maneira definitiva a influência britânica no sistema econômico do país. Ao ponto em que crescia o contingente de solicitações de empréstimos por parte do governo brasileiro, as condições aplicadas pelos Rothschilds se tornavam mais rígidas, incluindo o requerimento do controle direto de alguns setores da política brasileira²⁰. À vista disto, “[...] foi a eclosão da guerra, não o declínio das energias imperiais, que salvou o Brasil de uma maior sujeição ao controle estrangeiro”²¹.

Embora tenha “se livrado” de uma maior manipulação neste primeiro momento, através do advento da Primeira Guerra em 1914, os empréstimos continuaram a ser levantados juntamente aos Rothschild, tornando o Brasil o maior tomador de empréstimos na América do Sul nos anos 20²². É neste mesmo contexto, no período entreguerras, que outra grande potência iniciaria uma rivalidade com os britânicos em relação à economia brasileira: os Estados Unidos da América.

¹⁸ CAIN, P. J.; HOPKINS, A.G., **British Imperialism: 1688-2015**. 3. ed. Oxford: Routledge, 2016.

¹⁹ “In many ways, Brazil was Britain’s most accommodating and most successful satellite in South America during the first half of the nineteenth century.” (tradução nossa) In: *Ibid.* p. 280.

²⁰ *Ibid.*, p. 284.

²¹ “[...]it was the outbreak of war, not the decline of imperial energies, that saved Brazil from greater subjection to foreign control.” (tradução nossa) In: *Ibid.*, p. 285.

²² *Ibid.*, p. 570

2.2 A Missão Montagu e a presença de Lord Lovat no norte do Paraná

Com a presença dos EUA na disputa pelo domínio da condição econômica brasileira, sobretudo no que se refere à economia cafeeira, os britânicos encontraram, em uma situação específica, uma maneira de tentar fixar sua influência sobre a economia brasileira:

Surgiu uma oportunidade para Londres controlar firmemente as finanças do Brasil em 1923, quando as contínuas dificuldades econômicas levaram a república a se aproximar dos Rothschilds para um empréstimo substancial de £ 25 milhões. A Cidade aproveitou a ocasião para enviar uma missão de alto nível, liderada por Edwin Montagu, um importante banqueiro e ex-secretário de Estado da Índia, para conter os gastos do governo e pôr fim às experiências do Banco do Brasil com finanças inflacionárias, impondo 'alguma forma considerável de controle ou conselho'.²³

A Missão Montagu tinha, em suma, como principal objetivo, realizar uma análise acerca da situação financeira do Brasil, reportar aos banqueiros britânicos e determinar se o empréstimo seria ou não realizado ao Governo brasileiro. Além disso, outro objetivo da Missão foi expor algumas possíveis melhorias a serem feitas na estrutura da política monetária, fiscal e do café²⁴.

Juntamente com Edwin Montagu, vieram outras quatro figuras que, apesar de não possuírem experiência relacionada aos assuntos brasileiros, eram de alguma maneira muito influentes em Londres²⁵: Charles Addis, diretor do Banco da Inglaterra e Presidente do Hong-Kong and Shanghai Bank; Sir William McLintock, relacionado ao setor de contabilidade; Hartley Withers, ligado ao *The Economist*²⁶; e Lord Lovat, envolvido com o plantio de algodão no Sudão através da empresa *Sudan Cotton Plantations Syndicate* – este último diretamente ligado ao surgimento do empreendimento colonizador no norte do Paraná, como será analisado mais adiante.

²³ “An opportunity arose for London to take a firm grip on Brazil’s finances in 1923, when continuing economic difficulties led the republic to approach Rothschilds for a substantial loan of £25m. The City used the occasion to send a high-level mission, led by Edwin Montagu, a prominent banker and former Secretary of State for India, to curb government expenditure and put an end to the Banco do Brasil’s experiments with inflationary finance by imposing ‘some palatable form of control or advice’.” (tradução nossa) In: CAIN & HOPKINS, **op. cit.**, p. 570.

²⁴ FRITSCH, Winston. 1924. **Pesquisa e planejamento econômico**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, 713-774, dez. 1980. Disponível em: <https://ppe.ipea.gov.br/index.php/ppe/article/viewFile/457/400>.

²⁵ Ibid.

²⁶ Periódico inglês sobre economia, política e assuntos internacionais, fundado pelo banqueiro e empresário James Wilson em 1843.

Dentre alguns dos problemas a serem discutidos e analisados pela Missão, um ponto chama a atenção e é destacado por Fritsch,

[...] havia a delicada tarefa de conseguir o que Montagu chamou de ‘alguma forma palatável de controle financeiro estrangeiro’. Este assunto havia sido levantado em Londres e, como apontado acima, antes de sua chegada ao Rio de Janeiro, os ingleses eram de opinião que se deveria encontrar algum modo de controle, pelos banqueiros, sobre a política financeira brasileira.²⁷

Pode-se verificar a partir deste trecho o caráter imperialista intrínseco na Missão britânica enviada ao Brasil. Ainda neste sentido, uma das propostas pensadas por Montagu foi justamente a venda da parte das ações do Banco do Brasil pertencentes ao Governo, inclusive chegando a oferecer aos Rothschild tal negócio. Tendo recebido uma resposta negativa dos banqueiros britânicos, Montagu destacou que “[...] a única convicção firme formada pela Missão, era de que a única garantia de uma política financeira segura no Brasil ‘seria de que houvesse algum elemento estrangeiro, isto é, inglês no sistema financeiro’[...]”²⁸

Outra vez percebe-se o desejo imperialista presente nas negociações da Missão Montagu, no momento em que os britânicos colocam como objetivo estarem inseridos no sistema político e financeiro do Brasil. Algumas outras propostas como: a sugestão da suspensão do plano siderúrgico de Arthur Bernardes; emissão de títulos públicos; venda ou arrendamento da Lloyd Brasileiro e da Central do Brasil; redução definitiva nos gastos públicos; criação de uma comissão para investigarem as propostas de gastos dos ministérios²⁹; foram elencadas por Montagu, visando a reforma financeira e a obtenção de influência dentro deste sistema.

Ainda que toda essa movimentação – a Missão Montagu e suas propostas quase sucedidas – tenha acabado de maneira trágica devido a impossibilidade de realização do empréstimo, a partir da decisão do Governo britânico de embargar empréstimos para governos estrangeiros, Cain e Hopkins apontam que isso tudo “[...] é um exemplo muito claro (e pouco conhecido) das contínuas ambições imperialistas da Grã-Bretanha em um país onde geralmente elas deveriam ter definhado”³⁰.

²⁷ FRITSCH, Winston. **op. cit.**, p. 737.

²⁸ *Ibid.*, p. 739.

²⁹ *Ibid.*, p. 732-736.

³⁰ “[...] it stands as a very clear (and little-known) example of Britain’s continuing imperialist ambitions in a country where they are generally supposed to have withered away.” (tradução nossa) In: CAIN & HOPKINS, **op. cit.**, p. 571.

Ao observar a Missão Montagu por outro ângulo e reduzir sua escala de análise do nível federal ao nível estadual, presenciaremos os feitos de Simon Joseph Fraser, mais conhecido como Lord Lovat. Nascido em uma família antiga e poderosa, Fraser foi um militar, político e aristocrata de considerável importância para o surgimento e desenvolvimento do Norte do Paraná na década de 1920.

Em sua biografia³¹, Lovat foi descrito como uma pessoa que estava sempre buscando possibilidades de melhorias, especialmente quando visitava países subdesenvolvidos, “[...] ele não poderia descansar até que ele próprio tivesse lançado, ou ajudado a lançar, algum esquema para desenvolver recursos que seu olho treinado viu estarem latentes”³².

O sentido presente em “sempre buscar possibilidades de melhorias” estaria diretamente relacionado com a exploração de recursos em países menos favorecidos e em localidades propícias para empreendimentos de alta rentabilidade, a exemplo da *Sudan Cotton Plantations Syndicate*. O interesse na cultura algodoeira esteve ligado diretamente com a atuação da indústria têxtil, base da economia britânica neste contexto. Após 1910, a Companhia começou a render altos lucros, instigando Lovat e seus companheiros à busca pela expansão dos horizontes.

A oportunidade de ampliar seu empreendimento surgiu à Lovat a partir do convite de Montagu para fazer parte da comitiva que compunha a Missão, em 1923. Durante sua estadia no Brasil, Lovat utilizou a experiência adquirida no Sudão para investigar os recursos agrícolas do país nas terras do interior, acompanhado do Dr. Emilio Castello, especialista em assuntos agrícolas do governo brasileiro:

[...] juntos eles viajaram longe no interior para ver o máximo possível das condições locais no tempo disponível. Os instintos pioneiros tão fortes em Lovat foram estimulados pelo que ele viu à espera de desenvolvimento – vastas áreas de floresta virgem, bem irrigadas, com clima ameno e com solo tão bom ou melhor do que o melhor que ele já havia visto no curso de todas as suas passagens pela África e em outros lugares.³³

³¹ LINDLEY, Francis. **Lord Lovat: A Biography**. London: Hutchinson & Co., 1935.

³² “[...] he could not rest until he had himself launched, or helped to launch, some scheme for developing resources which his trained eye saw to be lying latent.” (tradução nossa) In: *Ibid.* p. 148.

³³ “[...] together they travelled far and wide in the interior in order to see as much as possible of local conditions in the time available. The pioneering instincts so strong in Lovat were kindled by what he saw awaiting development – vast areas of virgin forest land, well-watered, with a kindly climate and with soil as good as, or better than, the best that he had ever seen in the course of all his wanderings in Africa and elsewhere.” (tradução nossa) In: *Ibid.* p. 265.

Com a expectativa de obter mais lucros partindo, a princípio, da exploração do algodão em terras brasileiras, Lovat decidiu investir em uma nova companhia no ano de 1924, a *Brazil Plantations Syndicate*. Poucos meses após realizar a compra de duas propriedades – uma no estado de São Paulo, próxima à Estrada de Ferro Noroeste do Brasil e outra no norte do estado do Paraná, próximo à estação de Salto Grande na Estrada de Ferro Sorocabana, localizada no estado de São Paulo – e organizar o cultivo do algodão, Lovat se deparou com a brusca queda do preço deste produto no mercado, fato este que tornou o negócio insustentável financeiramente³⁴.

O desapontamento com a cultura algodoeira seria consolado pelo foco na cafeicultura. Orientado pela elite cafeeira paulista, detentora de exuberantes fazendas na região oeste do Estado de São Paulo, Lovat optou pelo plantio do café em suas propriedades.

A respeito da penetração da cafeicultura no “Norte Velho” paranaense, Monbeig argumenta que

[...] os fazendeiros de São Paulo já não se contentavam com estender suas plantações ao interior das fronteiras políticas do Estado e atravessavam o Paranapanema, entrando no território do Estado do Paraná. Seguiam os lençóis de diabásio ao sul do Paranapanema e instalavam fazendas em Cambará e Ingá.³⁵

Neste contexto, Lovat esteve em contato com uma das figuras responsáveis pela inserção do café no lado paranaense da fronteira com São Paulo, o cafeicultor paulista Major Antônio Barbosa Ferraz Júnior. Proprietário de uma extensa fazenda em Ribeirão Preto, Ferraz Júnior “[...] decide transferir-se para região nova, onde a produção dos cafezais é a mais elevada até então alcançada no mundo”³⁶.

É sob a prosperidade do café, a partir da iniciativa de Ferraz Júnior – agora cultivando café em terras localizadas entre Ourinhos e Cambará – e outros fazendeiros – a exemplo de Willie da Fonseca Brabazon Davids, prefeito de Jacarezinho e posteriormente de Londrina – que se iniciou o prolongamento da Estrada de Ferro Sorocabana, trecho este que mais adiante pertencerá à Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná.

³⁴ LINDLEY, *op. cit.*, p. 266.

³⁵ MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1984. p. 188.

³⁶ COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e desenvolvimento do norte do Paraná**. 3. ed. [s/l]: [s/e], 2013. p. 35.

Em uma reunião com Ferraz Júnior em janeiro de 1924, Lovat ofereceu uma grande quantia em dinheiro na tentativa de adquirir as terras produtivas da fazenda Água do Bugre, localizada na cidade de Cambará-PR e de propriedade do Major. Mesmo recebendo a negativa para tal negócio, Lindley indica na biografia de Lovat sobre o grande interesse do escocês nas terras do norte do Paraná, e cita sobre uma oportunidade de adquirir aproximadamente três milhões de acres de floresta virgem a 180 km da estrada de ferro.³⁷ A biografia não cita de quem essas terras foram adquiridas, mas sabe-se que foi o governo do Estado do Paraná que realizou a venda à Lovat. Conforme indicado no livro comemorativo do cinquentenário da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná,

[...] quem intervém é Gastão de Mesquita Filho, para chamar atenção do visitante inglês para as férteis glebas de terras que o governo do Estado do Paraná oferece à venda por preços muito baixos, decorrentes da inexistência de transporte na região.³⁸

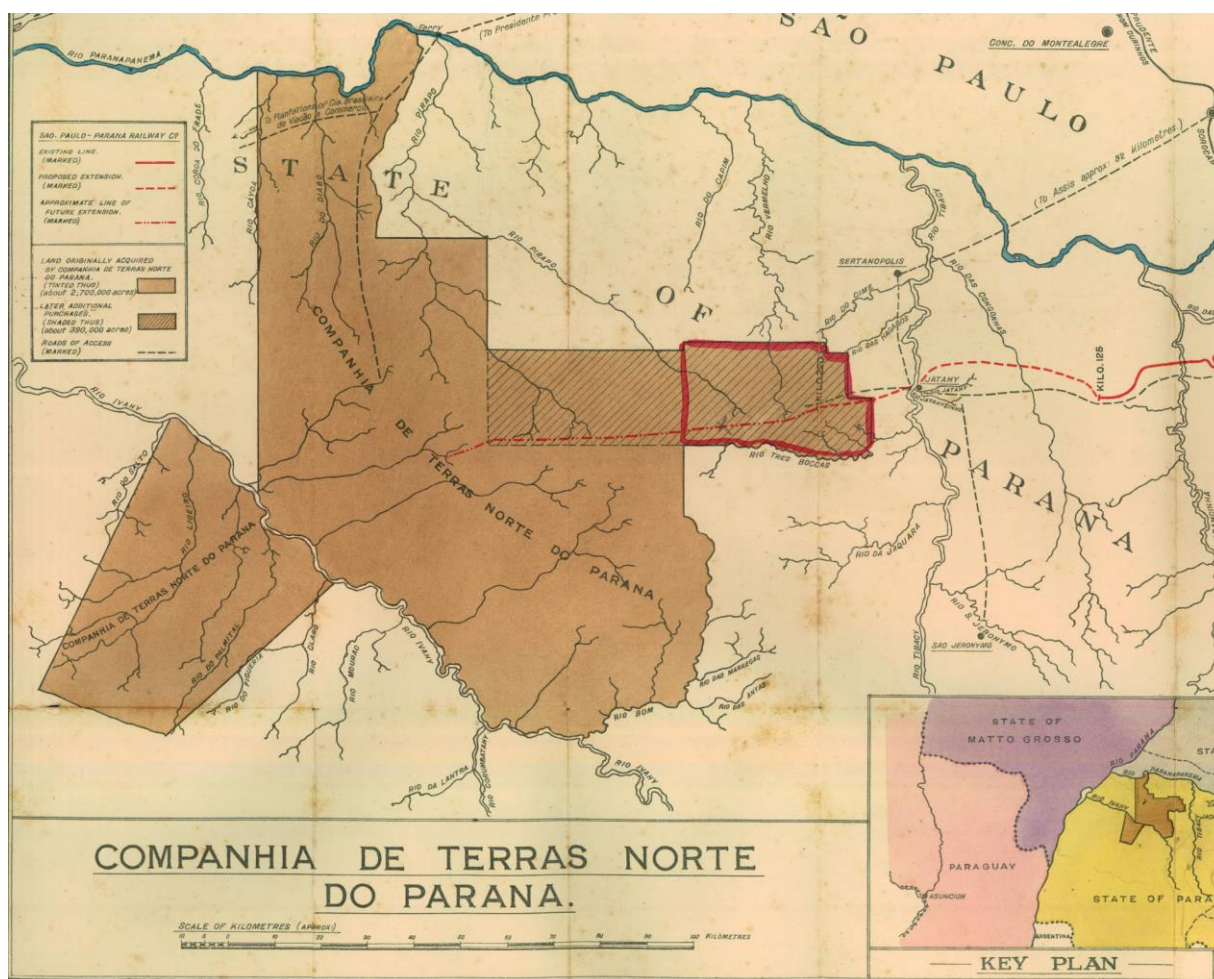
Adquirida a extensa propriedade, formou-se a *Parana Plantations Limited* com o objetivo de levantar fundos para o desenvolvimento da estrada de ferro – através da subsidiária “Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná” – que providenciou o acesso às terras, e ao empreendimento colonizador – através da subsidiária “Companhia de Terras Norte do Paraná”.

O mapa abaixo (Figura 1) foi publicado pela *Paraná Plantations Ltd.* em julho de 1930 e expõe a situação das terras da CTNP naquele ano. Nele, podemos visualizar a dimensão do território adquirido por Lovat, onde se iniciou o projeto de desenvolvimento dos núcleos urbanos. Além disso, é possível observar – embora o recorte não compreenda o mapa por completo – o traçado vermelho, que representa a estrada de ferro. Da direita para a esquerda, nota-se o final da linha vermelha na marcação “Kilo. 125”, simbolizando o ponto final da estrada de ferro já construída. O início do primeiro tracejado representa a extensão proposta para a linha férrea, e o segundo tracejado, já inserido na área contornada em vermelho, seria a linha aproximada de uma futura extensão da ferrovia.

³⁷ LINDLEY, *op. cit.*, p. 267.

³⁸ COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. *op. cit.*, p. 46.

Figura 1 - Território da CTNP em 1930 (recorte do mapa)



Fonte: NDPH-UEL. Fd. Oswald Nixdorf, 2.

Posteriormente, em 1939, os esforços financeiros por parte dos britânicos se voltaram para o contexto da guerra, dificultando a administração da CTNP. A solução encontrada foi colocar à venda a Companhia, a princípio anunciada no exterior. No entanto, Gastão de Mesquita Filho se interessou pela compra do negócio britânico e se empenhou em formar um grupo de investidores – entre eles Gastão Vidigal, Arthur Bernardes Filho e os Irmãos Soares Sampaio³⁹, personalidades ligadas à elite paulista. Após a formação da sociedade e a compra do empreendimento, trocou-se o nome para Companhia Melhoramentos Norte do Paraná. A gerência foi mantida, a princípio sob os cuidados de Arthur Thomas, mas a administração tornou-se brasileira.

³⁹ COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. *op. cit.*, p. 90.

Não cabe aqui aprofundar as questões relacionadas ao desenvolvimento da CTNP⁴⁰, com exceção dos objetivos presentes por trás de sua fundação, os quais serão analisados a seguir.

2.3 As atuações do Imperialismo na Terra Vermelha

As intenções imperialistas dos britânicos estariam, dessa forma, diretamente ligadas à reocupação das terras norte-paranaenses a partir de um conjunto de fatores. O primeiro fator a ser destacado refere-se a Missão Montagu, que por si só estaria carregada dessas intenções, como observado previamente. Em alguns relatórios oficiais, consta que a Missão Montagu foi convidada pelo governo brasileiro para a tratativa de assuntos e melhorias relacionados à economia, mas como visto em Cain e Hopkins⁴¹ e em Fritsch⁴², sabe-se que a iniciativa do envio da Missão parte dos próprios credores.

Reforçando este ponto, Joffily argumenta que:

Configura-se a postura subalterna, primeiro, pela preocupação de coonestar um hipotético convite, e além disso, ocultá-lo da imprensa. Segundo, por conferir caráter oficial, como se a missão dos banqueiros representasse a Grã-Bretanha. Não havia, portanto, razões para envolver no episódio 'relações entre duas nações amigas', quando os negócios estavam restritos entre Rothschild e o Tesouro Nacional.⁴³

Em suma, o que Joffily apresenta em seu argumento é que a Missão já havia sido planejada pelos Rothschild visando a obtenção de influência dentro do sistema econômico brasileiro, e que o Brasil se dispôs numa posição de inferioridade perante os britânicos quando disseminou a ideia de uma relação oficial – que é inexistente – entre Brasil e Grã-Bretanha a partir das negociações da comitiva de Montagu.

Além da questão envolvendo o “falso convite”, Joffily também desmente que o propósito de Lovat ao compor a comitiva da Missão estaria voltado à aplicação de capital no Brasil, e que na realidade estaria em busca de recursos devido à crise interna do império britânico: “Ao contrário, a política econômica da Inglaterra

⁴⁰ Cf. TOMAZI, Nelson Dacio. **op. cit.**, p. 180 et seq.

⁴¹ CAIN & HOPKINS, **op. cit.**, p. 570.

⁴² FRITSCH, **op. cit.**, p. 723.

⁴³ JOFFILY, José. **Londres-Londrina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 43.

apressava a liquidação de créditos no exterior e a busca de novos recursos em suas áreas de influência imperialista”⁴⁴.

O segundo fator que representa a finalidade imperialista dos britânicos refere-se à fundação das companhias loteadoras no Brasil. Lovat iniciou sua trajetória em terras brasileiras através da *Brazil Plantations Syndicate*, alternando posteriormente para *Parana Plantations Ltd.*, que por fim subsidiou a Companhia de Terras Norte do Paraná e a Estrada de Ferro São Paulo-Paraná, todas elas com o objetivo final de gerar retorno financeiro aos britânicos. É importante notar que o teor dos termos “Plantation” e “Syndicate” presentes nos nomes das companhias estaria direcionado ao sentido colonialista. Conforme Joffily,

[...] a expressão ‘plantation’, ao contrário do que parece, nada ou quase nada tem a ver com plantação. Designa, em seu significado histórico, ‘colonização’, do mesmo modo que o vocábulo ‘syndicate’ não possui o sentido atual de ‘associação de empregados ou de empregadores’ e sim agrupamento de homens de negócio, de capitalistas.⁴⁵

Embora o plano inicial de desenvolvimento das fazendas de algodão em busca do lucro pela exportação não tenha se concretizado, o modelo de colonização adotado se tornou altamente lucrativo. Optar pelo negócio imobiliário foi uma decisão incomum por parte dos britânicos, visto que “Não era do feitio do império inglês e de sua prática no mundo todo, comprar terras para fazer projetos imobiliários”⁴⁶. Neste sentido, o papel das empresas loteadoras foi de extrema importância para o sucesso do ideário imperialista. De acordo com Monbeig, “Vender terras tornou-se, assim, fonte de recursos menos incerta e mais rendosa. Para que o negócio seja lucrativo, é preciso organizar o espaço; e as empresas de colonização estão melhor equipadas para o fazer”⁴⁷.

Um ponto determinante que colaborou com o êxito do empreendimento colonizador britânico foi a expansão da estrada de ferro, e este é justamente o terceiro fator indicativo do apetite imperialista presente no contexto. Tomazi afirma que

[...] o território hoje situado ao norte do estado do Paraná já era do conhecimento dos ingleses desde então, pois os mesmos já haviam tido interesse em melhor conhecê-lo. Por outro lado, poder-se-ia inferir que os ingleses que se interessaram pelas terras norte-paranaenses,

⁴⁴ JOFFILY, José. **op. cit.** p. 48.

⁴⁵ *Ibid.*, p. 79.

⁴⁶ TOMAZI, Nelson Dacio. **op. cit.**, p. 186.

⁴⁷ MONBEIG, Pierre. **op. cit.**, p. 241.

posteriormente, no ano de 1924, já vinham com os olhos muito bem postos na ferrovia projetada no século anterior [...]”⁴⁸

Diferente do que foi registrado nos discursos a respeito da vinda dos britânicos ao norte do Paraná, eles não estariam chegando a uma terra completamente desconhecida, visto o interesse prévio na possibilidade de extensão da ferrovia. O depoimento concedido por Benedito Rodrigues dos Santos – integrante do grupo que realizou a expedição de reconhecimento das terras pretendidas pelos britânicos – para a Folha de Londrina reforça este argumento:

Embora não possa seguir rigorosamente uma ordem cronológica, ele situa os ingleses no Norte Pioneiro – ponto de partida para o Norte Novo – a partir de 1919, onde teriam sido orientados pelos Barbosa Ferraz e Willie Davids. E possuíam uma atividade agrícola em Xavantes, no Estado de São Paulo [...]”⁴⁹

Esse interesse prévio no território norte-paranaense estaria, de acordo com Tomazi⁵⁰, conectado com o projeto de construção da ferrovia transcontinental, ligando o porto de Santos com o Paraguai, empreendimento este que renderia bons lucros aos britânicos que adquiriram posteriormente a Companhia Ferroviária São Paulo-Paraná.

O relatório final da Missão Montagu apresentado ao presidente Arthur Bernardes e publicado no Diário Oficial da União na data de 29 de junho de 1924 dispõe de uma cláusula específica relacionada às estradas de ferro. Neste item, os britânicos se dizem impressionados com a fertilidade do solo brasileiro e com as “riquezas que aguardam exploração”. Além disso, indicam que “[...] na distribuição dessas facilidades ferro-viarias está a base de toda a futura prosperidade do Brasil [...]”⁵¹. Pode-se perceber, portanto, o interesse dos estrangeiros nos recursos e na estrada de ferro, sobretudo quando apontam:

Desejamos poder dizer, ao regressarmos à Europa, não só que o capital estrangeiro é necessário para esse fim, como também que há motivos para acreditar com segurança: I – que o capital empregado nas estradas de ferro brasileiras dará lucro magníficos; [...]”⁵²

⁴⁸ TOMAZI, *op. cit.*, p. 184.

⁴⁹ SCHWARTZ, Widson. Ingleses procuravam lugar para Londrina desde 1919. **Folha de Londrina**, Londrina, 4 de fev. de 1982.

⁵⁰ TOMAZI, Nelson Dacio. *op. cit.*, p. 186.

⁵¹ ALCÂNTARA, Lúcio Gonçalo de (org.). **Relatório da Missão Inglesa**. Fortaleza: FWA, 2010. p. 37.

⁵² *Ibid.*

Desde a segunda metade do século XIX os britânicos aprimoraram constantemente suas técnicas na indústria siderúrgica, sendo este o contexto que introduzem sua tecnologia nas ferrovias de São Paulo, que posteriormente adentrarão o norte do Paraná. Como indicado na obra comemorativa do cinquentenário da CMNP,

Verificava-se, portanto, de um lado do Atlântico, na Província de São Paulo, uma demanda segura de serviços de transporte; do outro lado, na Inglaterra, a existência de capitais disponíveis para investimento, de máquinas para serem vendidas, de experiência tecnológica. [...] Nós tínhamos o que transportar; eles tinham como transportar.⁵³

Neste sentido, percebe-se a possibilidade de ganhos por parte dos britânicos sobre o território brasileiro a partir da venda de suas tecnologias ferroviárias aos empreendimentos brasileiros deste setor – trilhos, pontes metálicas e maquinários.

Além disso, a busca pela influência direta no sistema econômico brasileiro fica clara a partir das condições propostas no relatório – inclusive no item que dispõe recomendações ao Ministro da Viação – a exemplo do trecho: “Seria conveniente incluir no pessoal do Tribunal peritos com conhecimentos de estradas de ferro escolhidos na Inglaterra, donde tem vindo tanto capital para as estradas de ferro do Brasil”⁵⁴.

A recomendação do estabelecimento de um Tribunal que ficaria responsável por trabalhar com as questões das estradas de ferro do Brasil e, inclusive, com a presença de peritos estrangeiros, demonstra a intenção de um maior controle no que tange à ferrovia, logo, mais possibilidades às aspirações imperialistas.

O valor atrelado à estrada de ferro é citado por Gastão de Mesquita Filho em janeiro de 1924, antes mesmo da fundação da *Parana Plantations Ltd.*, no período em que esteve guiando Lord Lovat pelas áreas de mata virgem. Buscando convencer de vez Lovat à compra das terras, utiliza o argumento de que

[...] se a compra for seguida do prolongamento da estrada de ferro que estamos construindo entre Ourinhos e Cambará, de maneira a garantir para os compradores o escoamento de seus produtos, a valorização das áreas adquiridas pode tornar muito lucrativo o empreendimento.⁵⁵

⁵³ COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **op. cit.**, p. 20.

⁵⁴ ALCÂNTARA, Lúcio Gonçalo de (org.). **op. cit.** Fortaleza: FWA, 2010. p. 37.

⁵⁵ COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **op. cit.**, p. 46.

Ademais, a continuação do trajeto da ferrovia foi um dos grandes motivos do esquema colonizador ter obtido sucesso, tanto pela possibilidade do escoamento da produção, quanto por facilitar a chegada dos compradores das terras, fossem eles estrangeiros ou não. Os núcleos urbanos que surgiram durante este contexto – a exemplo de Londrina, Nova Dantzig e Colônia Roland – conseguiram se desenvolver graças ao imperialismo econômico britânico.

Percebe-se que os três exemplos citados – a Missão Montagu, a fundação das companhias e a estrada de ferro – exibem por definitivo o caráter imperialista da aproximação britânica ao Brasil durante as décadas iniciais do século XX. Portanto, pode-se dizer que o anseio pela influência no sistema financeiro brasileiro e o desejo pelo lucro através da exploração agrícola e expansão ferroviária nos remete a um imperialismo econômico.

2.4 O contexto alemão: imigrações no século XIX à República de Weimar

Além da Grã-Bretanha, outra nação que exerceu influências imperialistas no Brasil entre a segunda metade do século XIX e início do século XX foi a Alemanha. O contexto alemão não se difere do britânico no que tange à corrida imperialista, exceto pelo fato de ter “se atrasado” neste cenário, visto que a unificação territorial alemã se deu somente nas décadas finais do século XIX.

Por outro lado, as relações da Alemanha com o Brasil foram menos intensas no que diz respeito à influência econômica dentro do nosso sistema financeiro. A cartada dos alemães, nesse caso, foi um vínculo associado aos processos migratórios em território brasileiro. Santana escreve sobre a divisão existente de três grandes períodos em que grupos de imigrantes germânicos se estabeleceram no Brasil:

O primeiro período se dá em 1824 com a chegada de famílias de agricultores e camponeses. O segundo grupo chega ao país em meados do século XIX, com o fracasso das revoluções de 1848 e 1849. [...] A terceira leva de imigrantes é composta de artesãos e operários forçados a sair da Europa em razão das crises do começo do século.⁵⁶

Neste sentido, é possível verificar as diferentes intenções presentes em cada um dos grandes períodos de fluxo migratório alemão. No primeiro momento, o Estado

⁵⁶ SANTANA, Nara Maria Carlos de. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. **Dimensões**, v. 25, 235-248, 2010. p. 236.

incentivava a colonização de novas porções de terras – posteriormente, e com destaque aos anos 20 e 30 do século XX, este processo foi realizado pelo setor privado através das companhias de colonização.

A presença dos imigrantes germânicos no Brasil, além de colaborar para a integridade territorial alemã com o surgimento de novas colônias, torna-se

[...] um importante fator econômico tanto para a Alemanha pela importância atribuída ao papel dos imigrantes alemães vistos como ‘porta de entrada’ para produtos industriais no Brasil, assim como elementos políticos facilitadores nas negociações com o governo brasileiro e com os governos regionais. No Brasil, os imigrantes eram vistos como importante fonte de mão-de-obra e, posteriormente, elemento impulsionador para a indústria [...]⁵⁷

Desta forma, ao mesmo tempo que para a Alemanha o papel dos imigrantes tenha se desempenhado de maneira a facilitar as negociações com o governo brasileiro, para o Brasil, o estabelecimento dos germânicos representa a chegada de mais mão-de-obra, seja para o trabalho nas lavouras, abertura de novas colônias, ou para o trabalho industrial.

Grande parte dos alemães estabelecidos no Brasil ao longo do século XIX se concentraram na região sul. Santana expressa que “[...] três quartos da população de origem alemã instalou-se no extremo Sul, sendo que o Estado do Rio Grande do Sul abrigou mais de 50% deste total e Santa Catarina, 20%”⁵⁸. A concentração destes povos no sul foi um fator, como aponta Maske⁵⁹, que auxiliou o processo de desenvolvimento industrial na região, muito devido ao contexto de expansão industrial – utilização de novas técnicas e maquinários industriais – que a Alemanha presenciava.

Com a entrada da Alemanha na corrida imperialista a partir de sua unificação nos anos 70 do século XIX, os processos migratórios foram utilizados como instrumento na busca da expansão das fronteiras do Império. Neste sentido, de acordo com Lorenz, “Imperialismo e migração foram processos entrelaçados: políticos europeus tentavam consolidar e alargar a esfera política da nação alemã, dirigindo emigrantes para os territórios considerados estrategicamente importantes”⁶⁰.

⁵⁷ MASKE, Wilson. Brasil e Alemanha: Imigração e Imperialismo (1871-1918). **História: Debates e Tendências**, v. 14, n. 1, 182-192, jan./jun. 2014. p. 185.

⁵⁸ SANTANA, Nara Maria Carlos de. **op. cit.**, p. 238.

⁵⁹ MASKE, Wilson. **op. cit.** p. 185.

⁶⁰ LORENZ, Stella. Processos de purificação: expectativas ligadas à migração alemã para o Brasil (1880-1918). **Espaço Plural**, v. 9, n. 19, 29-37, 2008. p. 30.

Entre 1880 e 1914 a ideologia nacionalista na Europa cresceu de maneira significativa. Após a unificação, os alemães também se viam inseridos neste contexto, como destacado por Hobsbawm: “Foi esta, igualmente a época em que a canção ‘*Deutschland Über Alles*’ (A Alemanha acima de todos os outros) substituiu composições rivais, tornando-se o hino nacional da Alemanha”⁶¹. A junção das práticas imperialistas com o forte sentimento nacionalista fez com que o estouro de uma guerra generalizada fosse inevitável.

Em meados de novembro do ano de 1918, a Alemanha já esgotada de recursos e condições de continuar na guerra se rende aos aliados. O final dos conflitos entre a Entente e os Aliados demarcou o desfecho do governo imperial da casa Hohenzollern e a busca pela implantação de um novo Estado. Num contexto de extrema fragilidade, causada pela miséria e pela humilhação que o Tratado de Versalhes submeteu a Alemanha, nasce a República de Weimar.

A cidade de Weimar foi escolhida para a realização da Assembleia pois, segundo Richard, “[...] nada de fábricas, nada de proletários armados e nada de agitação. Os legisladores podiam concentrar-se inteiramente em seu trabalho”⁶². Ou seja, longe de possíveis revoltas. Elaborava-se uma constituição para que, desta forma, eleições presidenciais pudessem ocorrer.

O quadro ainda era de tensão entre os líderes do novo Estado alemão no que tange os assuntos relacionados à paz com os Aliados, vencedores da Grande Guerra. Hobsbawm salienta que “Os aliados vitoriosos criaram a tese da culpa de guerra, exclusivamente alemã, pedra angular do tratado de paz de Versalhes de 1919 [...]”⁶³.

Entendendo as imposições do Tratado como um ato de humilhação contra o povo alemão, uma parcela considerável da população se pôs contra a assinatura do Tratado de Versalhes, entretanto, a Alemanha não possuía condições de negar as exigências dos Aliados. As restrições iam desde a perda das colônias e territórios conquistados sob o Império até a drástica redução do número de soldados e outras limitações relacionadas ao serviço militar.

É neste contexto da República de Weimar que a insatisfação causada pelas dificuldades econômicas e sociais nutriram as forças de direita e extrema direita,

⁶¹ HOBSBAWM, Eric. **op. cit.**, p. 130.

⁶² RICHARD, Lionel. **A República de Weimar (1919-1933)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 52.

⁶³ HOBSBAWM, Eric. **op. cit.**, p. 270.

acarretando o desenvolvimento do embrião das ideias nazistas que serão protagonistas anos mais tarde durante a segunda metade dos anos 30. Neste sentido, Richard propõe que a República de Weimar

Provinha de uma guerra que tivera os seus beneficiários, seus incansáveis defensores ainda vivos. Provinha de uma revolução esmagada. De um retorno à ordem fundada numa aliança entre as antigas camadas sociais influentes sob Guilherme II, os quadros do exército imperial e os dirigentes do Partido Social-Democrata. Tendo em vista seu nascimento, dificilmente poderia escapar de ser tragada pelas forças de direita.⁶⁴

A forte crise econômica causada pela Guerra gerou um estado de caos no país. A moeda se desvalorizava do dia para a noite, a sensação era de insegurança neste momento. Entre 1923 e 1929 a Alemanha viveu um período de aparente estabilização política e econômica, que terminou com o colapso da bolsa de Nova York. Fulbrook aponta que “[...] a quebra de Wall Street teve sérias implicações, em função da dependência da economia alemã de empréstimos de curto prazo do exterior, que foram logo cortados”⁶⁵.

Os problemas econômicos e políticos retornam com intensidade a partir da crise de 29, frustrando novamente a população alemã. Como consequência, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães começou a ganhar espaço na política alemã, sobretudo por conta do poder de persuasão de seu líder, Adolf Hitler. O “golpe de misericórdia” – termo utilizado por Richard⁶⁶ – na República de Weimar se deu em março de 1933 a partir da Lei de Concessão de Plenos Poderes, que dispunha poderes ditatoriais à Hitler.

2.5 Processos de formação da colônia alemã no norte do Paraná

A perda dos territórios que foram anexados à Alemanha Imperial se tornou um dos fatores de maior sensibilidade na população da época. Além de atingir a população como um todo, a situação serviu de combustível para a direita e a extrema-direita alemã, através dos argumentos nacionalistas. “Tudo o que era alemão deve voltar a ser alemão”, frase pronunciada pelo marechal Hindenburg – que

⁶⁴ RICHARD, Lionel. **op. cit.**, p. 55-56.

⁶⁵ FULBROOK, Mary. **História concisa da Alemanha**. São Paulo: Edipro, 2016. p. 180.

⁶⁶ RICHARD, Lionel. **op. cit.**, p. 272.

posteriormente, em 1925, se tornou presidente da República – e destacada por Richard⁶⁷.

A partir dos anos 1920, forma-se a “liga em prol do germanismo no exterior”, que teria como objetivo

[...] reivindicar a reintegração desses territórios à Alemanha, assim como de todas as terras nas quais se instalaram colônias de germanófilos. Segundo essa liga, a Alemanha não se define simplesmente pelas fronteiras do Tratado de Versalhes [...]⁶⁸.

O descontentamento perante as imposições do Tratado somado à herança das intenções e ideais imperialistas resultou na busca pela recuperação dos territórios perdidos, da aglutinação e fundação de colônias ultramarinas, além do projeto de colonização interna.

Entre as décadas de 1920 e 1930, começam a surgir na Alemanha algumas companhias não governamentais voltadas à migração e fundação de colônias bem como, junto a elas, um maior empenho do Ministério das Relações Exteriores da Alemanha (*Auswärtiges Amt*) em incentivar o estabelecimento de novos assentamentos no exterior. Barbian evidencia que:

Houve tentativas de direcionar a emigração alemã para a América Latina também na República de Weimar. Pessoas foram enviadas pelo Ministério das Relações Exteriores para fazer campanha pelo aumento da imigração alemã e explorar possíveis áreas de assentamento. Organizações não governamentais defenderam fortemente o incentivo à emigração para a América Latina e também iniciaram alguns projetos de assentamento. No entanto, a maioria deles não teve sucesso. No final da década de 1920, o governo do Reich se envolveu mais na promoção da emigração e no estabelecimento de assentamentos coletivos. Isso resultou em vários projetos.⁶⁹

Uma das companhias que recebe destaque para o recorte desta pesquisa é a Sociedade para Estudos Econômicos do Ultramar (*Gesellschaft für wirtschaftliche*

⁶⁷ RICHARD, Lionel. **op. cit.**, p. 68.

⁶⁸ *Ibid.*

⁶⁹ „Versuche, die deutsche Auswanderung nach Lateinamerika zu lenken, gab es auch in der Weimarer Republik. Vom AA wurden Persönlichkeiten entsandt, die vor Ort für eine verstärkte deutsche Einwanderung werben und mögliche Siedlungsgebiete erkunden sollten. Nicht-staatliche Organisationen setzten sich nachdrücklich für eine Beförderung der Auswanderung nach Lateinamerika ein und initiierten auch einige Siedlungsprojekte. Die meisten davon blieben jedoch erfolglos. Ende der 1920er Jahre schaltete sich auch die Reichsregierung verstärkt in die Förderung der Auswanderung und die Anlage von Gruppensiedlungen ein. Daraus entstanden verschiedene Projekte.“ (tradução nossa) In: BARBIAN, Nikolaus. **Auswärtige Kulturpolitik und „Auslandsdeutsche“ in Lateinamerika 1949-1973**. Osnabrück: Springer, 2013. p. 76.

Studien in Übersee), fundada em 1927 e descrita como “[...] uma instituição central para a coordenação da emigração para a América Latina”⁷⁰. O presidente da Sociedade em seus anos iniciais foi Hans Luther, político alemão que havia ocupado o cargo de chanceler entre 1925 e 1926 durante a República de Weimar. Posteriormente, Luther seria substituído por outro político alemão: Erich Koch-Weser, ministro da justiça e do interior entre os anos de 1928 e 1930⁷¹ e um dos formuladores da constituição que formava a República em 1919. O envolvimento com os ministérios possibilitou à Koch-Weser observar a ascensão de Hitler através do viés político.

Ainda sobre a Sociedade, Geert Koch-Weser – filho de Erich Koch-Weser – relata sobre a fundação, em uma entrevista concedida ao Instituto Hans Staden:

[...] quanto à sua origem, tem relação com os problemas angustiantes do desemprego dos anos 20. Pressionados pelas necessidades daquela época, muitos alemães saíram de sua Pátria. Espalharam-se por todo mundo sem muito planejamento e sem avaliar bem as suas chances. Principalmente os que se dedicaram à agricultura ficaram isolados sem poderem ajudar uns aos outros. Para melhorar esta situação, foi fundada a referida Sociedade de Estudos [...].⁷²

Classificada como uma companhia semioficial⁷³, a Sociedade para Estudos Econômicos do Ultramar foi formada e sustentada por capital privado, com envolvimento de representantes de partidos políticos e apoio do governo alemão, que neste contexto fomentava a disseminação de novas colônias. A presença dos políticos junto a essa companhia fez grande diferença – caso de Johannes Schauff, do *Zentrum* (Partido do Centro Alemão), como veremos a seguir – no sucesso do assentamento formado no Brasil, mais especificamente no norte do Paraná.

Entre os diversos projetos desenvolvidos e colocados em prática pela Sociedade, um dos que se destacaram pelo sucesso e importância foi a formação da colônia alemã no norte do Paraná, que posteriormente se tornou o município de Rolândia. Além do “instinto gregário” dos alemães destacado por Richard⁷⁴, o êxito do estabelecimento da colônia se deve ao empenho da Sociedade para Estudos Econômicos – e junto a ela seus associados – em contornar as dificuldades

⁷⁰ “[...] a central institution for the coordination of emigration to Latin America.” (tradução nossa) In: RINKE, Stefan. **German Migration to Latin America (1918-1933)**. p. 28.

⁷¹ SOARES, Marco Antonio Neves. **Da Alemanha aos Trópicos: identidades judaicas na terra vermelha (1933-2003)**. Londrina: Eduel, 2012. p. 67.

⁷² SCHWENGBER, Cláudia Portellinha. **Aspectos históricos de Rolândia**. Cambé: Wgraf, 2003. p. 62.

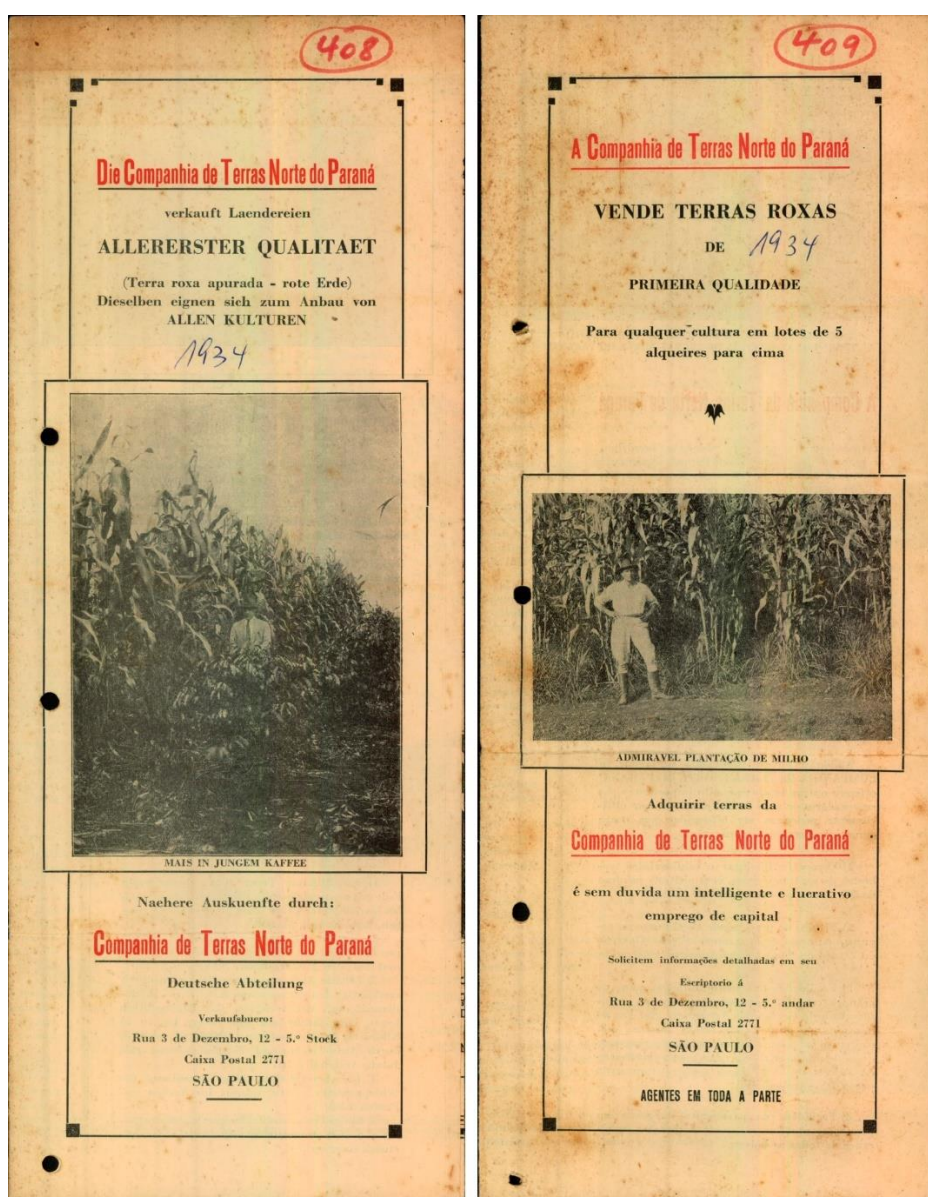
⁷³ NDPH-UEL, **Fd. Oswald Nixdorf**, 20.

⁷⁴ RICHARD, Lionel. **op. cit.**, p. 119.

encontradas, especialmente a partir da ascensão do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães ao poder.

A política de intensa propaganda aderida pela Companhia de Terras Norte do Paraná, sustentada pela disseminação de prospectos (Figura 2), colaborou para que a notícia da disponibilidade de lotes para compra alcançasse não somente a população de outros estados brasileiros, mas também de países europeus, a exemplo da Itália e Alemanha.

Figura 2 – Prospectos da CTNP de 1934 sobre as terras à venda



Fonte: NDPH-UEL. Fd. Oswald Nixdorf, 408-409.

Na imagem podemos observar dois panfletos de 1934 que eram utilizados pela CTNP para divulgação das terras no norte do Paraná. O da esquerda, em idioma alemão, e o da direita em português. É possível notar pequenas alterações entre eles, como a disposição do texto e das imagens, no entanto, ambos mantêm dados semelhantes destacados na capa, a exemplo do endereço do escritório da Companhia no Brasil e as informações sobre as “terras roxas e de qualidade”.

Um bom exemplo da eficácia destas propagandas se dá no relato de Max Hermann Maier, advogado que morava e atuava na cidade de Frankfurt:

Num dia da primavera de 1935, encontrei, na escrivania do meu escritório em Frankfurt, um prospecto da ‘Paraná Plantation Ltd.’, de Londres, sobre suas terras no Norte do Paraná, Brasil. Nesse tempo era eu advogado e tabelião na minha cidade natal, Frankfurt sobre o Meno. Tinha sido o Dr. Fritz Elsas, ex-prefeito de Berlim, que me enviara o folheto.⁷⁵

A difusão dos panfletos da CTNP fez com que o projeto britânico chegasse até os responsáveis pela Sociedade para Estudos Econômicos do Ultramar, que analisaram com bons olhos a possibilidade da fundação de uma colônia alemã em terras norte-paranaenses. Em seu relato biográfico, Oswald Nixdorf conta que Erich Koch-Weser o procurou com a proposta de enviá-lo a um empreendimento colonizador na Argentina, para aprender a trabalhar como gerente de colonização. Nixdorf, já a caminho de Londres para acertar uma parceria com o diretor da colônia argentina, é alertado por Koch-Weser que diz:

‘Lá em Londres existe uma Sociedade que se chama Paraná Plantations Ltd. Aquela gente tem uma gleba extensa de terras no Norte do Paraná, no Brasil, e querem assentar colonos. Só que ainda não sabemos nada sobre clima, solos etc. Além disso, pedem um preço muito alto pela terra, que nenhum colono alemão tem condições de pagar. O presidente daquela companhia é o Lorde Lovat. Como você já vai estar em Londres, fica fácil fazer-lhe uma visita. Quem sabe? Talvez possamos estabelecer algum acordo com eles mais tarde. A Sociedade em si tem um renome muito bom’⁷⁶.

Experiente em assuntos relacionados à colonização e agricultura tropical, Nixdorf trabalhou em Sumatra como cafeicultor, além de fundar um empreendimento para criação de gados, até o ano de 1927⁷⁷. Após o contato com General Asquith e

⁷⁵ MAIER, Max Hermann. **Um advogado de Frankfurt se torna cafeicultor na selva brasileira**: relato de um imigrante (1938-1975). Rolândia: Gráfica Velox, 1977. p. 10.

⁷⁶ NIXDORF, Oswald. **Um pioneiro na selva brasileira**: a história de aventuras da colônia alemã de Rolândia. Londrina: EDUEL, 2016. p. 22.

⁷⁷ Ibid., p. 20.

Lord Lovat, dirigentes da *Parana Plantations Ltd.*, Nixdorf foi enviado ao Brasil em abril de 1932 como representante da Sociedade para Estudos Econômicos do Ultramar, tendo como objetivo a realização de estudos a respeito do clima, das terras e da possibilidade de instalação de uma colônia germanófono.

Após estabelecido nas terras da CTNP e estar de acordo com as condições geográficas do local, Nixdorf demarca a área que seria construída a colônia, inclusive o ponto de recepção dos colonos, a princípio em seu próprio sítio. Os lotes começaram a ser vendidos aos alemães e a Colônia Roland – como evidenciado por Kosminsky⁷⁸, o nome estaria ligado a Roland de Bremen, símbolo da liberdade – inicia seu desenvolvimento.

2.6 O acesso às terras após 1933 e o encontro de dois Imperialismos

A princípio, no primeiro ano de existência da colônia, Soares⁷⁹ aponta que somente onze lotes de terras foram vendidos. Entretanto, a consolidação dos nazistas no poder em 1933 fez com que muitas famílias – sobretudo as de origem judaica – buscassem se estabelecer longe dos ideais extremistas de Hitler. Soares explicita que “Foram negociados trinta e cinco novos lotes no ano em que o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães venceu as eleições proporcionais. Dentre os compradores, temos políticos como o próprio Erich Koch-Weser [...]”⁸⁰.

Algumas das dificuldades encontradas em relação à compra dos lotes surgiram logo nos primeiros meses da colônia. Kosminsky indica que

A colônia viveu momentos de grande dificuldade para se implantar. Primeiro, a demora para a chegada dos primeiros imigrantes impedidos de se fixarem no Paraná por causa da Revolução Constitucionalista de 1932, em São Paulo. Depois, a dificuldade principal de venda de terras ainda devido à crise mundial de 1929/1930.⁸¹

Além dos problemas de origem econômica, havia também as dificuldades de cunho político, pois como bem destacado por Kosminsky,

Essas restrições eram de origem econômica, mas também política, pois a ascensão do nacional-socialismo ao poder na Alemanha mudou rapidamente

⁷⁸ KOSMINSKY, Ethel Volfzon. **op. cit.**, p. 55.

⁷⁹ SOARES, Marco Antonio Neves. **op. cit.**, p. 69.

⁸⁰ *Ibid.*

⁸¹ KOSMINSKY, Ethel Volfzon. **op. cit.**, p. 55.

a composição dos possíveis emigrantes. Alemães perseguidos por razões políticas, religiosas e de raça procuravam asilo fora do país.⁸²

A classe política alemã se via ameaçada com a possibilidade da concretização de um governo nazista, especialmente os grupos contrários aos ideais de Hitler. Neste sentido, alguns integrantes de partidos como o Partido Social-Democrata e o partido *Zentrum* – de cunho católico – buscaram fazer negócio com a CTNP, visando a compra de lotes de terras para serem utilizados em caso de uma emergência.

Além de Koch-Weser, um dos políticos que optou por adquirir uma porção de terras na Gleba Roland foi Johannes Schauff. Defensor da colonização interna na Alemanha (*Innere Kolonization*), era deputado do partido *Zentrum* e muito próximo de Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli, o núncio de Berlim – posteriormente Papa Pio XII⁸³. A importância da participação do grupo católico – que envolve, sobretudo, Pacelli e Schauff – no acesso às terras da recém-fundada Colônia Roland, se justifica através das facilidades realizadas no que tange à saída dos emigrantes da Alemanha, especialmente dos judeus.

Com base na análise de ambos os contextos apresentados – britânico e alemão – percebe-se que as intenções imperialistas estiveram presentes em diversos momentos da construção do Norte do Paraná, tanto como região geográfica, quanto como um fenômeno ideológico – a exemplo do discurso representativo do Eldorado⁸⁴.

Por um lado, exercendo forte influência nas questões econômicas, os britânicos – que já possuíam antigas relações com o Brasil no quesito financeiro – encontraram no empreendimento imobiliário a possibilidade de extrair lucros abundantes em terras brasileiras. Elementos específicos como: a presença da missão financeira, a estrada de ferro e a companhia colonizadora, corroboram a ideia do imperialismo econômico desempenhado pelos britânicos.

Outrossim, os alemães exerceram sua influência em território brasileiro, sobretudo na região sul. No entanto, as práticas imperialistas dos alemães ocorreram a partir dos processos migratórios, com a formação de colônias germanófonas em diferentes localidades da América Latina, sendo o Brasil um dos destinos centrais. Divergindo do caso britânico, o teor do imperialismo alemão no Brasil parte, especialmente, de questões políticas no período da República de Weimar, quando a

⁸² KOSMINSKY, Ethel Volfzon. **op. cit.**, p. 55.

⁸³ SOARES, Marco Antonio Neves. **op. cit.**, p. 71-72.

⁸⁴ ARIAS NETO, José Miguel. **op. cit.**

Alemanha tenta se recuperar da crise gerada pela guerra e, conseqüentemente, pelas imposições do Tratado de Versalhes. Vale ressaltar que existia uma diferença entre os imigrantes alemães que chegaram ao Brasil no período de 1870 a 1918, pré Primeira Guerra Mundial, e os de 1919 a 1939, momento de forte crise e fortalecimento de ideias ultraconservadoras.

Neste sentido, cabe apontar que a aproximação de “dois imperialismos” – o britânico, com teor econômico, e o alemão, com teor político – permitiu a formação de um núcleo populacional que viria a abrigar entre 1935 e 1945 as vítimas das perseguições étnico-religiosas, fruto do extremo sentimento nacionalista que dá sustento aos argumentos relacionados ao conceito de espaço vital (*Lebensraum*) e ao arianismo, por exemplo. Curiosamente, o mesmo nacionalismo que serve de base para os princípios imperialistas, fez com que os judeus fossem expatriados, tendo eles de buscar refúgio da morte e da tortura em outras localidades, a exemplo da própria Colônia Roland, que é fruto das ações imperialistas.

3. A FORMAÇÃO DA COLÔNIA ROLAND: O CONFLITO DE PERSPECTIVAS E A PERMUTA DE INTERESSES

3.1 Oswald Nixdorf: da direção colonial à polêmica nazista

Com o início das vendas dos lotes de terras, a partir de 1930, por parte do empreendimento colonizador pertencente à Companhia de Terras Norte do Paraná, as famílias começavam aos poucos a se estabelecerem nos recém-surgidos vilarejos: Patrimônio Três Bocas (Londrina), Nova Danzig (Cambé) e Colônia Roland (Rolândia) – este último, pensado inicialmente como um núcleo voltado aos imigrantes de origem germânica.

De acordo com Villanueva,

Os emigrantes tiveram uma adaptação muito difícil aqui na nova terra, não só pelo clima tropical, pela falta de conforto, de sociedade ou atividades esportivas tão comuns na Alemanha, como também pela falta de um chefe que os orientasse e tratasse de seus interesses [...] ⁸⁵

Neste sentido, as dificuldades encontradas durante a formação de uma colônia em meio a mata virgem ocasionaram na necessidade da presença de um representante, responsável por organizar os assuntos administrativos e, neste caso, guiar os compradores para suas respectivas propriedades. No Heimtal – vilarejo constituído em sua grande parte por alemães russos, formado em 1930 nas proximidades de Londrina – o encarregado foi Carlos Strass, que inclusive cooperou de maneira fundamental na construção das primeiras residências dos novos vilarejos; em Nova Dantzig, Franz Bloch; e na Colônia Roland, Oswald Nixdorf.

Além de agrônomo incumbido para a pesquisa destinada à formação do assentamento alemão, Oswald Nixdorf era representante da Sociedade Para Estudos Econômicos do Ultramar e funcionário da CTNP. Foi responsável por receber e orientar os compradores dos lotes localizados na área em que seria formada a Colônia Roland, construindo, com a ajuda da mão de obra dos operários de Heimtal, uma espécie de hospedaria: “[...] com toda pressa do mundo, derrubam cinco hectares de floresta e constroem a rudimentar Casa de Recepção capaz de dar a primeira guarida às famílias que chegam” ⁸⁶.

⁸⁵ VILLANUEVA, Orion. **Rolândia, Terra de Pioneiros**. Londrina: Gráfica Ipê, 1974. p. 45.

⁸⁶ NIXDORF, Oswald. **op. cit.**, p. 40.

Em razão de seu contato com as questões burocráticas e econômicas da Colônia, Nixdorf foi nomeado dirigente. No entanto, a partir de 1935, a relação entre Nixdorf e alguns residentes da Colônia Roland passaria por um momento turbulento, especialmente por conta das suspeitas de envolvimento do dirigente com o Partido Nacional-Socialista.

A suposta aproximação com os nazistas começa a ser questionada mediante a anexação da Sociedade para Estudos Econômicos do Ultramar junto à Sociedade para Colonização no Estrangeiro (*Gesellschaft für Siedlung im Auslande*), a qual seguia as diretrizes estabelecidas pela burocracia nacional-socialista. Conforme Soares,

Oswald Nixdorf continuou sendo o líder da Colônia Roland nessa passagem de controle para a GSA, e ele, que já mantinha uma minuciosa atenção em guardar e arquivar todo e qualquer tipo de documentação concernente à sua função, passou a fornecer informações sobre a colônia às autoridades nazistas.⁸⁷

Ainda em 1935, Nixdorf seria nomeado como Agente Consular, sendo este mais um motivo que geraria desconfiança em relação à sua proximidade com o nacional-socialismo, visto que uma vez aceito o cargo, se dispõe a responder diretamente ao governo alemão e às suas leis. Entretanto, permaneceu apenas por um curto período de tempo na função devido a alguns entraves que, inclusive, foram responsáveis por sua demissão do posto de dirigente da Colônia – no caso, como representante oficial da GSA – nos meses iniciais de 1936.

O acontecimento é relatado em um telegrama datado de 17 de dezembro de 1935 – identificado como confidencial – e nos indica que os dirigentes da CTNP haviam recebido a informação de que a cidade de Berlim teria instruído o Dr. Speiser – Cônsul Geral da Alemanha no Brasil – a investigar algumas queixas prestadas, por parte dos colonos, contra Nixdorf.

Em sua biografia, Nixdorf descreve o caso:

Como um raio descendo do céu azul, chega de Curitiba uma reclamação da GSA de que eu não teria repassado 20.000 mil réis, creditados em minha conta e destinados a dois colonos. Eu não sei de nada. É certo que há muito tempo atrás eu recebi essa quantia. Considerando, no entanto, que a GSA me devia quantia superior a essa e que me havia anunciado o pagamento de atrasados, supus que esses recursos eram meus.⁸⁸

⁸⁷ SOARES, Marco Antonio Neves. **op. cit.**, p. 128.

⁸⁸ NIXDORF, Oswald. **op. cit.**, p. 117.

Apesar de ter sido, de certa forma, prejudicado pela GSA, o fato de que se submeteu a aproximação do governo nazista não deve ser deixado de lado, embora negue veemente estas acusações. Nixdorf soa contraditório ao afirmar: “Apesar de não ser membro do Partido NSDAP [...]”⁸⁹, visto que a empresa que o empregou entre 1932 e 1936 – GWS, depois de 1935, GSA – respondia aos interesses do governo nazista.

O ano de 1942, marcado pela entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, gerou ruídos na vida de diversos imigrantes vindos de países do Eixo. Na Colônia Roland, não diferente, o próprio Nixdorf acabou afetado, tendo sido preso e desapropriado de seu rancho. No entanto, algumas bibliografias defendem que Nixdorf havia “[...] sido preso sob acusações, não comprovadas, de envolvimento com os nazistas”⁹⁰, algo questionável perante as pistas expostas.

Ao trabalhar estas questões, Tiemann explicita:

Então, ele era um “nazista”? Certamente “sim” se a filiação partidária, convicções políticas e compromissos verbais forem suficientes. E certamente “não” se essa designação significar a disposição de obedecer descuidadamente e sem escrúpulos a qualquer tipo de instrução que venha do governo ou partido. Porque seu trabalho não era sobre objetivos políticos, mas sobre a causa: sobre a construção da Colônia Roland e sobre as pessoas que moravam ou queriam morar lá. Ele não deixou dissuadir desses objetivos ao lidar com os mensageiros do regime, concordou com eles quando parecia necessário no interesse de sua causa, foi membro do partido, terminou suas cartas oficiais com as “saudações alemãs” e confessou novamente que as ideias do nacional-socialismo também eram suas. Na verdade, porém, ele sempre manteve distância no sentido político-humano. Ele não estava realmente interessado em política, política partidária.⁹¹

Portanto, mesmo que a aproximação de Nixdorf com os nazistas não tenha ocorrido com a principal intenção de transformar a Colônia em uma sede do NSDAP,

⁸⁹ NIXDORF, Oswald. **op. cit.**, p. 109.

⁹⁰ SCHWENGBER, Cláudia Portellinha. **op. cit.**, p. 84.

⁹¹ „War er nun ein ‚Nazi‘? Sicher ‚ja‘, wenn Parteimitgliedschaft, politische Überzeugungen und verbale Bekenntnisse dafür ausreichen. Und sicher ‚nein‘, wenn diese Bezeichnung die Bereitschaft zum bedenken-und gewissenlosen Gehorsam gegenüber jeder Art von Weisung meint, die von Regierung oder Partei kam. Denn ihm ging es bei seiner Arbeit nicht um politische Ziele, sondern um die Sache: um den Aufbau der Kolonie Roland und um die Menschen, die dort lebten oder leben wollten. Von diesen Zielen liessen er sich auch beim Umgang mit den Sendboten des Regimes nicht abbringen, pflichtete diesen bei, wenn das im Interesse seiner Sache nötig zu sein schien, war Parteimitglied, beendete seine dienstlichen Schreiben mit dem ‚Deutschen GruÙe‘ und bekannte immer wieder einmal, dass die Ideen des Nationalsozialismus auch seine eigenen gewesen seien. In der Tat hat er sich aber im politisch-menschlichen Sinne immer distanziert gehalten. Für Politik, Parteipolitik, hat er sich nicht wirklich interessiert.“ (tradução nossa) In: TIEMANN, Joachim. **Oswald Nixdorf (1902-1981)**. p. 130.

é errôneo afirmar que ele não esteve envolvido com o Partido de alguma maneira, inclusive a ponto de ser o representante do governo alemão no norte do Paraná enquanto era empregado da GSA e quando exerceu o cargo de Agente Consular.

Deve-se lembrar que a Colônia Roland, sobretudo através do esquema de triangulação entre 1935 e 1939, recepcionou ao menos 18 famílias de origem judaica vindas da Alemanha em busca de refúgio das atrocidades causadas pelos nazistas. Quando chegam ao local, dado como “seguro”, descobrem que o dirigente do abrigo estaria, de alguma forma, relacionado com o nacional-socialismo.

3.2 Sobre a mitologização de Oswald Nixdorf

Algumas das obras sobre os acontecimentos que deram origem à Colônia Roland possuem caráter memorialista. Comumente produzida por grupos abastados – encomendadas por famílias ou políticos – as produções memorialistas buscam enaltecer os feitos dos “pioneiros”, excluindo boa parte de outras figuras – nomeadas por Hobsbawm⁹² de “povo comum” – que estavam inseridas no contexto. Utilizando-se da “história factual”, ou seja “[...] as hipóteses brotam automaticamente do estudo dos ‘fatos’, a explicação consiste de um conjunto de cadeias de causa e efeito [...]”⁹³, as obras memorialistas são elaboradas a partir da narrativa cronológica e tendem a constituir, de acordo com Hobsbawm⁹⁴, uma “história no singular”.

Em “Rolândia, Terra de Pioneiros”, do médico e político Orion Villanueva, tem-se um panorama geral sobre o contexto histórico de Rolândia, perpassando o surgimento do tímido vilarejo à listagem nominal dos ditos pioneiros, além de políticos que exerceram função durante determinado período. Empenhando-se em adjetivar as figuras “importantes” e seus feitos, o autor defende a tese de que Rolândia teria um fundador, e que este seria Oswald Nixdorf. Conforme Villanueva,

O abnegado e idealista Oswald Nixdorf é realmente o fundador, pois pode provar documentadamente a sua participação real desde o início, participação ativa, com datas certas de suas atividades, desde que aqui chegou, inclusive a troca de correspondência com os dirigentes na Alemanha, que o mandaram para o Brasil verificar, no Estado do Paraná, a possibilidade de se formar um núcleo de colonização alemã nas terras pertencentes à

⁹² HOBBSAWM, Eric. A Outra História: algumas reflexões. In: KRANTZ, Frederick. **A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p. 19.

⁹³ Id. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. p. 161.

⁹⁴ Ibid.

Paraná Plantations Limited; e, os da Inglaterra que eram os proprietários da CTNP [...] ⁹⁵

É fato que Nixdorf teve papel significativo nos acontecimentos que levaram ao estabelecimento do povoado, no entanto, Villanueva concentra exageradamente a responsabilidade de fundador em uma só figura. Por outro lado, Pesenti aponta que

[...] seria correto dizer-se que Rolândia não teve um fundador e, sim, vários. Senão vejamos: a Cia. De Terras Norte do Paraná [...] legítima proprietária de 500.000 alqueires na atual região de Londrina, Cambé, Rolândia, Araongas, etc. [...] foi quem mandou fazer o loteamento de Rolândia, foi quem fez construir estradas (inclusive de ferro), promovendo a venda de glebas e loteamentos dos locais previstos para cidades. ⁹⁶

Apesar da obra de Pesenti também possuir caráter memorialista, seu apontamento em relação à pluralidade dos fundadores é coerente, ao ponto que devemos considerar Nixdorf como sendo um funcionário, tanto da Sociedade para Estudos Econômicos do Ultramar quanto da CTNP.

Em outro ponto de seu texto, Villanueva expõe:

Outros que se julgam fundadores, na realidade eram os intermediários entre o emigrante ainda na Alemanha e a Cia. De Estudos do Além Mar, como companhia colonizadora, que depois de ter sido formado o arcabouço e ter se formado em definitivo a estrutura sólida, vieram premiados pela situação política de seu país, encontrar na gleba Roland [...] o local de tranquilidade espiritual que tanto necessitavam. ⁹⁷

Ao indicar os “outros que se julgam fundadores”, Villanueva estaria se referindo à Erich Koch-Weser e Johannes Schauff, personagens com papéis fundamentais no que tange ao estabelecimento de famílias, sobretudo as de judeus refugiados, na Colônia. Cabe destacar a postura áspera tomada pelo autor ao tratar sobre Schauff e Koch-Weser.

À vista disso, é questionável a criação da imagem do mito fundador em Oswald Nixdorf, uma vez que servia aos interesses de duas companhias focalizadas na geração de lucro, além de ser um ato que promove a exclusão de outras pessoas imprescindíveis do processo de formação da Colônia.

⁹⁵ VILLANUEVA, Orion. **op. cit.**, p. 58.

⁹⁶ PESENTI, Álvaro. **De política e outras histórias**. Rolândia: Mart's Designer, s/d. p. 66.

⁹⁷ VILLANUEVA, Orion. **op. cit.**, p. 60.

3.3 Johannes Schauff: do *Reichstag* à Colônia Roland

Uma outra figura de importância basilar para a construção da Colônia Roland, especialmente por conta de seus esforços nas transferências das famílias de judeus que em terras norte-paranaenses se refugiaram, foi Johannes Schauff. Nascido em ambiente católico, Schauff esteve desde jovem em contato com a política:

Ele foi ativo no movimento juvenil católico e fez trabalho social, conheceu bem o pastor católico da cidade, Carl Sonnenschein, e esteve politicamente envolvido no *Windthorstbunden*, a organização juvenil do Partido do Centro e da União Estudantil Republicana.⁹⁸

Como deputado pelo Partido do Centro Alemão (*Deutsche Zentrumspartei*) – partido orientado por valores católicos – Schauff observou de perto a ascensão política de Hitler, com isso “[...] viu com desgosto seu partido inclinar-se para Adolf Hitler quando ele próprio havia votado contra sua nomeação como chanceler”⁹⁹.

Seu envolvimento com a Sociedade para Promoção da Colonização Interna (*Gesellschaft zur Förderung der inneren Kolonisation*) o rendeu diversos ataques políticos por parte dos integrantes do Partido Nacional-Socialista, inclusive sendo chamado por Goebbels de “bolchevique agrário”¹⁰⁰ (*Agrarbolschewisten*). Além disso, ainda foi questionado por ser integrante do Partido Católico e ser a favor da reforma agrária, num momento em que a Igreja Católica condenava “práticas comunistas”.

Por outro lado, a experiência adquirida a partir da promoção de assentamentos em seus tempos de GFK foi de grande utilidade, visto que, por intermédio de Koch-Weser, realizou uma viagem ao norte do Paraná em 1933, visando estudar a possibilidade do estabelecimento de opositores do regime nazista.

Durante sua estada na Gleba Colônia Roland, Schauff adquiriu um pedaço de terra – este que se tornaria posteriormente a Fazenda Santa Cruz (*Kreuzhof*) – retornando à Alemanha em 1934 para buscar sua esposa e filhos. De acordo com Soares, “Como Johannes Schauff acabou sendo cassado após opor-se à utilização

⁹⁸ „Er war in der katholischen Jugendbewegung aktiv und leistete Sozialarbeit, lernte den katholischen Großstadtseelsorger Carl Sonnenschein gut kennen und engagierte sich politisch unter anderem in den Windthorstbunden, der Jugendorganisation der Zentrumspartei, und dem Republikanischen Studentenbund.“ In: SPINNLER, Verena. **Johannes Schauff (1902-1990)** – „In der Welt zuhaus“. p. 136.

⁹⁹ SOARES, Marco Antonio Neves. **op. cit.**, p. 71.

¹⁰⁰ SPINNLER, Verena. **op. cit.**, p. 137.

da Lei Habilitante, resolveu ficar no norte do Paraná, onde se empenhou em abrir a mata e formar sua fazenda que denominou Fazenda Santa Cruz [...]”¹⁰¹.

Perseguido politicamente por se colocar contra o regime nazista, Schauff e sua família se estabeleceram em Roma, local onde conseguiu se dedicar aos preparativos para o projeto do assentamento no Brasil. Neste contexto, o núncio de Berlim Eugenio Pacelli, futuro Papa Pio XII, utilizou aparatos da Igreja Católica para viabilizar o traslado de várias vítimas das perseguições na Europa, sobretudo em 1939 às vésperas do estopim da Segunda Guerra Mundial. Exemplos desses aparatos foram a Cáritas e a Sociedade São Rafael.

Os acontecimentos de 1939 levam Schauff e sua família a se deslocarem para o abrigo em Rolândia, local onde ficariam até 1951. Spinnler indica que

A família enfrentou a difícil decisão de desistir de tudo o que havia conquistado no Brasil e ajudar a reconstruir a Europa devastada pela guerra ou ficar no exterior. Johannes Schauff colocou a gestão da fazenda nas mãos de um administrador, tentou obter um visto para a Europa e seguiu sua ‘exigência de partir e fazer o que pudesse para ajudar a reconstruir sua antiga pátria’.¹⁰²

3.4 Conflito de perspectivas: Nixdorf x Schauff

As ações de Schauff em relação às famílias perseguidas pelo nazismo é, sem dúvidas, uma das passagens mais importantes dos acontecimentos históricos da Colônia Roland e do norte do Paraná. Neste quesito, é possível traçar algumas discrepâncias entre de Oswald Nixdorf e Johannes Schauff, visto que ambos acabam sendo retratados como “fundadores” ou, em algum momento, sendo figurados como “heróis”.

O grande ponto de divergência entre as duas personalidades é justamente o assunto relacionado aos judeus. Entende-se que Nixdorf foi contratado para realização da análise e demarcação do território em que seriam instalados os imigrantes de origem alemã, além disso, por estar envolvido no projeto desde o início,

¹⁰¹ SOARES, Marco Antonio Neves. **op. cit.**, p. 72.

¹⁰² „Die Familie stand vor der schweren Entscheidung, ob sie alles Erreichte in Brasilien aufgeben und beim Wiederaufbau des kriegszerstörten Europas mithelfen oder in Übersee bleiben sollte. Johannes Schauff legte die Leitung der Hazienda in die Hände eines Verwalters, bemühte sich um ein Visum für Europa und folgte seinem ‚Verlangen, auch aufzubrechen und beim Aufbau der alten Heimat nach Kräften mitzutun‘“. (tradução nossa) In: SPINNLER, Verena. **op. cit.**, p. 144.

acabou por se tornar líder da colônia. Porém, no que tange às famílias de origem judaica, o posicionamento de Nixdorf é deveras controverso.

Em dois momentos, Nixdorf troca cartas com Schauff a respeito da presença de “não-arianos” na Colônia Roland – os “não-arianos” seriam as pessoas e famílias de origem judaica que estariam adquirindo terras em busca de refúgio através de Schauff. Na primeira carta, consta data do dia 2 de dezembro de 1935, onde Nixdorf redige à Schauff:

O que você escreve sobre os não-arianos cristãos é muito interessante. Também recebo muitas perguntas dessas pessoas e sempre respondo que, embora a cooperação entre os colonos de mentalidade nacional-socialista e os colonos não-arianos tenha corrido bem até agora, não se pode garantir que as dificuldades se desenvolvam a partir disso no futuro.¹⁰³

Ele indica a partir deste trecho que o relacionamento “pacífico” entre simpatizantes do partido nacional-socialista e os “não-arianos” que estariam em comunidade na Colônia Roland não poderia ser garantido para o futuro. Na sequência, Nixdorf aponta:

Receio que, se os não-arianos obtiverem vantagem, todo o objetivismo dos nacional-socialistas, que eles preservaram de maneira exemplar até agora, seja desperdiçado. No entanto, também é questionável que a saída adequada seja encontrada fundando uma colônia não-ariana. Em qualquer caso, teria que haver uma grande distância entre as colônias.¹⁰⁴

Neste sentido, o diretor da Colônia Roland salienta a possibilidade desses simpatizantes do nacional-socialismo sentirem sua “superioridade” abalada pela presença dos colonos não-arianos, e recomenda ainda que a solução para tal conflito emergente seria a fundação de uma colônia voltada somente para os não-arianos.

Em uma segunda carta à Schauff, datada de 18 de maio de 1936, Nixdorf aborda novamente o assunto relacionado com a presença de “não-arianos” na Colônia:

¹⁰³ „Sehr interessant ist das, was Sie über die shristlichen nichtarier schreiben. Ich bekomme auch von solchen Leuten viele Anfragen und beantworte sie immer dahin, dass zwar die Zusammenarbeit zwischen den nationalsozialistisch gesinnten Kolonisten und nichtarischen Kolonisten bisher reibungslos vor sich gegangen sei, dass man aber für die Zukunft nicht garantieren könne, dass sich doch Schwierigkeiten daraus entwickeln“. (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 577.

¹⁰⁴ „Ich habe die Befürchtung, wenn die Nichtarier die Ueberhand bekommen würden, dass sämtlicher Objektivismus der Nationalsozialisten flöten geht, den sie bisher in vorbildlicher Weise bewahren. Dass allerdings dadurch ein richtiger Ausweg gefunden wird, dass man eine eigene Nichtarier-Kolonie gründet, ist ebenfalls fraglich. Es müsste auf jeden Fall eine große Entfernung zwischen den Kolonien liegen“. (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 577.

A dificuldade com você agora é que ultimamente muitos não-arianos vieram comprar em Roland. Seguindo a garantia de von Freedem de que Roland permaneceria ariana, o Partido se ofendeu com essa situação. Eu evitei isso por enquanto, alegando que o envio de não-arianos de sua parte é apenas um estágio intermediário inevitável até que a Reserva Uba-Tuba seja fixada [...]. Mas eu o aconselharia, mesmo agora, se você for forçado a enviar não-arianos, não enviá-los para Roland.¹⁰⁵

No trecho, ele evidencia o grande aumento de não-arianos na Colônia – sobretudo após os primeiros meses de 1936, que marcaram a crescente procura do esquema de triangulação, realizado entre judeus, opositores do regime e a CTNP – e expõe a insatisfação do Partido Nacional-Socialista perante a presença desses imigrantes. Em seguida, coloca que a chegada dos não-arianos à Colônia Roland seria apenas um processo intermediário até que a Reserva Uba-Tuba fosse estabelecida. Entende-se que a Reserva Uba-Tuba seria a Fazenda Ubatuba – fundada em 1936 pela família Schindler, nos arredores da atual cidade de Apucarana – local de recepção de diversos imigrantes alemães refugiados da guerra¹⁰⁶. Nixdorf finaliza o trecho indicando seu posicionamento contrário ao envio dos não-arianos para a Colônia, realçando suas atitudes antissemitas.

Embora Nixdorf tenha percebido que os judeus estabelecidos na Colônia não possuíam características compatíveis com as grotescas descrições apresentadas pelos nazistas na Alemanha, não era capaz de defender a presença dessas famílias – pelo menos não oficialmente – visto os riscos profissionais e pessoais que corria. Tiemann destaca que os judeus “[...] via de regra eram cidadãos educados e cultos e, nos anos vindouros, verdadeiros portadores de uma tradição cultural alemã local, com quem Nixdorf também se deu bem”¹⁰⁷. Mesmo sob esta “indecisão”, Nixdorf possuiu uma conduta antissemita ao se posicionar de maneira contrária ao refúgio das famílias judias.

¹⁰⁵ „Die Schwierigkeit bei Ihnen ist jetzt die, dass in der letzten Zeit viele Nichtarier angereist kommen, die in Roland kaufen. Die Partei hat im Anschluss an die Versicherung v. Freedens, dass Roland arisch bleiben sollte, daran Anstoss genommen. Ich habe das vorläufig abgebogen mit der Begründung, dass das Schicken von Nichtariern Ihrerseits nur ein notgedrungenes Zwischenstadium ist, bis die Uba-Tuba-Reserve festliegt [...]. Ich würde Ihnen aber raten, auch jetzt schon, wenn Sie gezwungen sind, Nichtarier zu schicken, diese nicht nach Roland zu schicken.“ (tradução nossa) In: NDPH-UJEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 720.

¹⁰⁶ FONTANA, Rosislene de Fátima. **Desenvolvimento do turismo rural no norte do Paraná: estudo de caso da fazenda Ubatuba/Apucarana/Pr.** 2005. 159 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2005. p. 61.

¹⁰⁷ „[...] die sich in aller Regel als gebildete und kultivierte Bürger und in den kommenden Jahren als die eigentlichen Träger einer deutschen kulturellen Tradition vor Ort erwiesen, mit denen auch Nixdorf zurechtkam.“ (tradução nossa) In: TIEMANN, Joachim. **op. cit.**, p. 113.

Em contrapartida, Schauff desfrutou de sua influência política e religiosa para facilitar o estabelecimento dos judeus, enfrentando a oposição de Nixdorf e utilizando da Igreja Católica para conseguir minimizar a ação dos nazistas na Colônia Roland. Ao passo em que Nixdorf não toma nenhuma ação pelos judeus, Schauff planeja a chamada “Permuta de Interesses”, que será uma via de descomplicação para os judeus se refugiarem na Colônia, permitindo a aquisição dos lotes de terras mesmo sob a limitação financeira imposta pelo governo nazista na Alemanha.

3.5 A Permuta de Interesses: funcionamento das operações triangulares

A partir da ascensão do governo nazista na Alemanha em 1933, diversas famílias que já sofriam com as perseguições étnico-religiosas precisaram tomar a complexa decisão de abandonar tudo o que haviam construído em sua terra natal, buscando refúgio em localidades que, teoricamente, não sofreriam ameaças. Neste sentido, Johannes Schauff, que já havia adquirido terras no empreendimento da CTNP, verificou a possibilidade de transferir ao norte do Paraná as famílias que buscavam refúgio em outros países.

O grande empecilho em tal circunstância seriam as restrições econômicas aplicadas pelo governo nazista. Em determinado momento, “[...] o limite de 10.000 marcos que cada emigrante poderia levar para fora do país fosse sendo reduzido até chegar a 10 marcos”¹⁰⁸. Diante dessa impossibilidade de saída do capital para a realização da compra das terras no Brasil, um esquema foi projetado por Schauff – juntamente com a assistência de Koch-Weser – para que as negociações entre os imigrantes e a CTNP fossem firmadas.

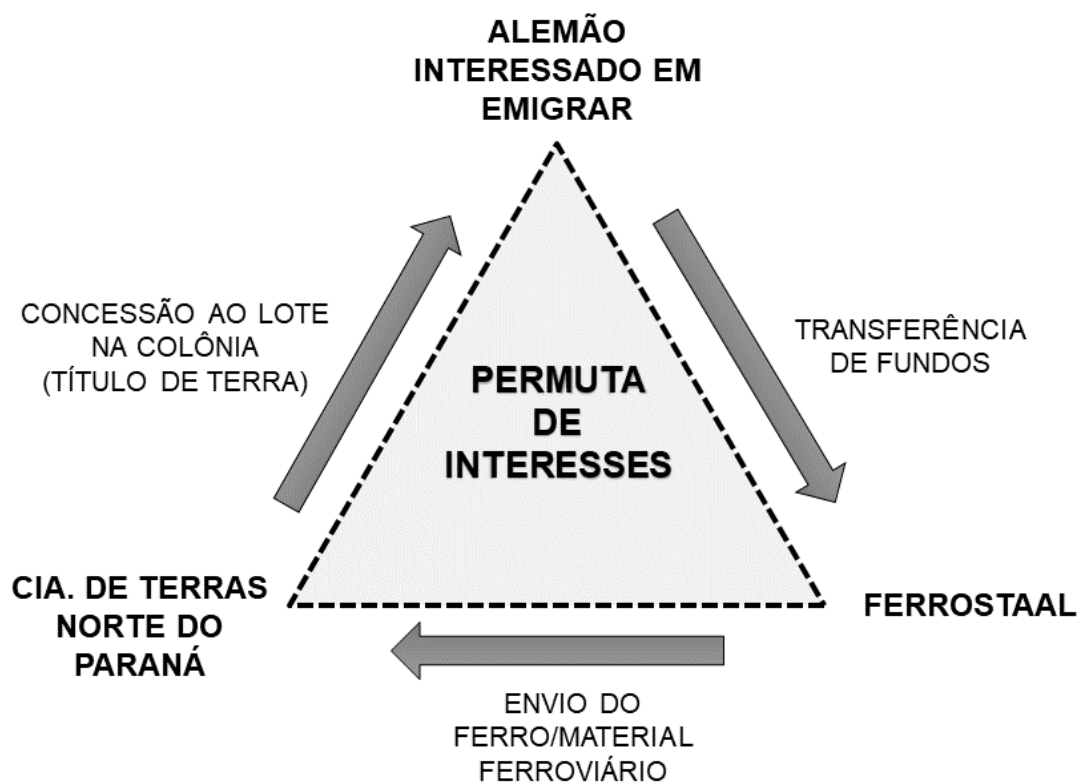
A chamada “Permuta de Interesses” – o nome aparece em Soares¹⁰⁹, e define precisamente os objetivos do esquema – consistia na troca de material ferroviário alemão em um certificado de posse de terras (Figura 3). O envolvimento da siderúrgica “Ferrostaal” no projeto foi imprescindível. Os interessados em emigrar pagavam à essa empresa pelos materiais ferroviários (trilhos, vagões). A Ferrostaal, por sua vez, enviava os equipamentos para a CTNP, que em troca, fornecia os títulos de terras aos emigrantes. Desta forma, o dinheiro não precisava sair da Alemanha e, no fim das

¹⁰⁸ KOSMINSKY, Ethel Volfzon. **op. cit.**, p. 56.

¹⁰⁹ SOARES, Marco Antonio Neves. **op. cit.** p. 73.

contas, as famílias estariam adquirindo indiretamente suas terras. Os materiais eram enviados praticamente junto com os emigrantes para o Brasil. Quando chegavam ao norte do Paraná, as famílias eram recepcionadas por Oswald Nixdorf em sua casa de recepção e direcionadas para seus respectivos lotes.

Figura 3 – A Permuta de Interesses exemplificada



Fonte: Autoria própria (2022)

Schauff foi responsável pela organização dos grupos de migrantes que desejavam participar do esquema, além de ser o encarregado de conduzir as negociações entre a CTNP e as autoridades alemãs. A presença de industriais e banqueiros no projeto da Permuta colaborou para sua vigência entre 1936 e 1939, até se tornar inviável a continuidade de sua realização, devido ao início da guerra. De acordo com Soares,

Os contatos com políticos e financistas sustentaram a sua estratégia, pois as triangulações do escritório tiveram o aval de Edmund Stinnes, filho do banqueiro e industrial Hugo Stinnes, que tinha empreendimentos variados na Alemanha e no exterior, do industrial Barão Hans Henckel von Donnersmarck,

além da família Hahn e das casas bancárias Dreyfus, Warburg e Arnold e Steger.¹¹⁰

A rede de auxílio internacional estabelecida – composta por Schauff, Koch-Weser, *Parana Plantations Ltd.*, Igreja Católica, banqueiros, industriais e outros órgãos políticos britânicos e alemães – possuiu extrema importância no que tange à proteção da integridade daqueles que eram vítimas do regime nazista, fossem opositores ou perseguidos pelas questões étnico-religiosas.

Schneider¹¹¹ recorda que este modelo do projeto de triangulação era semelhante a outro que facilitou a transferência de milhares de judeus alemães para a Palestina, o Acordo Haavara. Este esquema foi firmado entre representantes da Federação Sionista da Alemanha (*Zionistische Vereinigung für Deutschland*), o Banco Anglo-Palestino e o Ministério da Economia do governo nazista em agosto de 1933. O Acordo baseava-se na transferência de uma certa quantia em dinheiro para uma empresa sionista, por parte de possíveis emigrantes. Posteriormente este montante era utilizado para adquirir produtos de exportação alemães, que seriam despachados junto aos emigrantes. Em território palestino, alguns importadores compravam esses produtos, e era assim que os migrantes recebiam seu dinheiro de volta, quando estabelecidos em seu destino na Palestina.

Dada a similaridade entre os dois esquemas, pode-se pensar na hipótese de que Schauff tenha se baseado na estrutura do Acordo Haavara para concretizar a Permuta de Interesses em 1935, em virtude da precedência daquele. Outro fator que reforça essa ideia é a participação de Schauff na política alemã, visto que em algum momento as questões sobre o Acordo tramitaram em órgãos políticos, o colocando a par deste assunto.

Estudos sobre as possibilidades da realização do projeto de financiamento através da triangulação estavam sendo realizados desde 1933, pois como destacado por Soares, “Entre 1933 e 1935 Erich Koch-Weser fez três viagens autorizadas pelo governo nazista à Alemanha, para tratar dos negócios que envolviam a Sociedade para Estudos Econômicos, a CTNP e os financiamentos”¹¹². Corroborando este ponto, Schneider indica que “Durante esse período, Schauff viajou entre a Alemanha e o

¹¹⁰ SOARES, Marco Antonio Neves. **op. cit.** p. 73.

¹¹¹ SCHNEIDER, Dieter Marc. **Johannes Schauff (1902-1990):** Migration und „Stabilitas“ im Zeitalter der Totalitarismen. München: Oldenbourg, 2001. p. 74.

¹¹² SOARES, Marco Antonio Neves. **op. cit.** p. 73.

Brasil nada menos que nove vezes, o que não foi uma tarefa fácil, dada as opções de transporte e os riscos políticos em ambos os países”¹¹³. Os dois trechos elucidam o afinco de Schauff e Koch-Weser, o que nos leva a questionar sobre a ausência de Nixdorf, líder da Colônia neste intervalo de tempo.

3.6 Análise sobre a ata produzida em 1935

O estabelecimento de algumas das definições a respeito da estratégia de triangulação utilizada na Permuta de Interesses ocorreu a partir de uma reunião realizada em 1935 no escritório da *Parana Plantations Ltd.* em Londres, com a participação de representantes britânicos e alemães. Os assuntos abordados no encontro foram transcritos e serão analisados a seguir.

A fonte documental se trata de uma ata de reunião e faz parte do fundo arquivístico de Oswald Nixdorf, localizado no Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica (NDPH) da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Os documentos que fazem parte desse fundo possuem como data inicial os meses iniciais do ano de 1932, que, não coincidentemente, condiz com o início da participação de Nixdorf no projeto colonizador da *Parana Plantations*. Por conta de seu cargo oficial entre 1932 e 1936 – e mesmo depois de ter saído dele –, Nixdorf manteve a guarda de grande parte dos documentos que passaram por suas mãos, fossem eles burocráticos ou pessoais. Em meio a esses documentos, foi possível encontrar a referida ata.

O registro foi datilografado em língua inglesa. Disposto em três folhas, encontra-se levemente deteriorado pela ação do tempo. Embora possua rasgos em algumas extremidades, o texto é legível. Os temas tratados na reunião perpassavam por questões financeiras que envolviam a Permuta de Interesses, certas especificações relacionadas às empresas que forneceriam os materiais utilizados nas transações e alguns tópicos relativos aos participantes do acordo de triangulação. Cada tópico numerado no registro representa um assunto diferente tratado ao longo da reunião. Observando a disposição dos conteúdos no presente documento, entende-se que as informações discutidas no decorrer da reunião foram essenciais para a ratificação das transações, justificando sua transcrição em ata.

¹¹³ „Schauff pendelte in dieser Zeit nicht weniger als neunmal zwischen Deutschland und Brasilien hin und her, ein aufgrund der Verkehrsmöglichkeiten und politischen Fährnisse in beiden Ländern nicht ganz einfaches Unterfangen.“ (tradução nossa) In: SCHNEIDER, Dieter Marc. **op. cit.** p. 75.

No cabeçalho, nota-se que o documento possui como data o dia 13 de novembro de 1935. A reunião aconteceu na sede da *Parana Plantations Ltd.* em Londres – localizada no endereço “1, London Wall Buildings”, dado este localizado no cabeçalho do documento. Mais adiante, dispõe-se os nomes das figuras presentes no encontro: “Presentes: Drs. E. e V. Koch-Weser e Schauff; Srs. Horsfall, Wooding, Thomas e Asquith”¹¹⁴. Seriam eles Erich Koch-Weser e Johannes Schauff, como representantes alemães – não foi encontrada a informação de quem seria “V.”, citado junto ao nome de Erich Koch-Weser. Como representantes dos britânicos estavam Percy Horsfall, Arthur Thomas, general Arthur M. Asquith e Wooding – sobre este último, não foram encontrados mais detalhes sobre seu nome completo –, todos companheiros de investimentos de Lord Lovat na *Sudan Cotton Plantations Syndicate*, *Brazil Plantations Syndicate* e *Parana Plantations Ltd*¹¹⁵. Não se tem informações sobre quem foi o responsável pela redação da ata dessa reunião.

Percebe-se que, embora o documento pertença à coleção de Nixdorf, ele não esteve presente nas negociações como representante da Colônia Roland. Ora, o destino final das transações feitas através do esquema de triangulação era a própria Colônia Roland. Estranha-se sua ausência, fato este que por um lado pode contribuir para a imagem do “Nixdorf-funcionário” e, talvez, alimentar a tese de que sua aproximação dos ideais nazistas era algo percebido pelas demais figuras da Colônia. Todavia, Nixdorf teve acesso aos assuntos que foram tratados na reunião através da própria ata. Isso se confirma através de uma anotação encontrada no canto superior esquerdo da primeira folha do documento, onde lê-se: “*Copy for mr. Nixdorf*” (Cópia para o Sr. Nixdorf). Este detalhe também responde como o registro pôde ser encontrado no conjunto documental doado por Nixdorf sem que tenha participado da reunião.

O tópico inicial do documento aborda algumas questões relacionadas à disponibilidade dos fundos a serem utilizados para o pagamento dos vagões oferecidos pela Ferrostaal, além de citar que, quaisquer riscos imprevistos acarretadores da impossibilidade de transferência desses recursos à Ferrostaal deveriam ser assumidos pelos alemães em causa. No trecho: “Sr. A. deixou claro que a P.P. Ltd., ao aceitar a oferta da Ferrostaal para a fabricação pela M.A.N de 10

¹¹⁴ “Present: Drs. E. and V. Koch-Weser and Schauff; Messrs. Horsfall, Wooding, Thomas and Asquith.” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 1.

¹¹⁵ COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **op. cit.**, p. 49.

vagões cobertos e 10 vagões planos [...]”¹¹⁶, percebe-se que os vagões cobertos e vagões plataformas seriam ofertados pela Ferrostaal, mas produzidos pela MAN (*Maschinenfabrik Augsburg-Nürnberg*), o que indica o envolvimento de mais uma empresa fornecedora de materiais no esquema de triangulação. Sobre a disponibilidade dos fundos é posto que:

[...] os únicos fundos disponíveis para pagamento são os marcos bloqueados na conta da P.P. Ltd junto ao Commerz und Privatbank, Düsseldorf, e o cheque (que deve ser substituído por uma garantia do Lloyds Bank, Londres), no valor de £1,998, e que qualquer risco imprevisto de ser impossível transferir este dinheiro para a Ferrostaal [...] deve ser tomado pelos alemães em causa.¹¹⁷

Destaque para a última parte do excerto, que diz respeito à assunção dos riscos por parte dos alemães em casos que seja impossibilitada – devido a fatores imprevistos – a transferência dos fundos para a Ferrostaal.

Na sequência, o segundo tópico compreende as ações de Schauff em relação aos interessados em participar da Permuta de Interesses. Primeiramente ele se comprometeu em fazer uma listagem dos participantes¹¹⁸, constando a exata quantia de dinheiro – já convertido em Mil-réis – e de alqueires que receberam a partir das transações. Em seguida:

Ele declarou ainda que desejava cartas que davam aos participantes o acesso à terra e Mil-Réis antes da conclusão das encomendas de material ferroviário, e se comprometeu a dar à P.P. Ltd. uma garantia satisfatória de um banco antes que tais cartas de terra fossem emitidas, garantindo o cumprimento do contrato pela Ferrostaal.¹¹⁹

¹¹⁶ “Mr. A. made it clear that P.P Ltd., in accepting Ferrostaal’s offer for the manufacture by M.A.N of 10 covered wagons and 10 flat cars [...]” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 1, linhas 1-3.

¹¹⁷ “[...] the Only funds available for payment are the blocked Marks at the credit of P.P. Ltd.’s account with the Commerz und Privatbank, Düsseldorf, and the Bankers’ Draft (for which is to be substituted a guarantee by Lloyds Bank, London), for £1,998, and that any unforeseen risk of its being impossible to transfer this money to Ferrostaal [...] must be taken by German interests concerned.” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 1, linhas 4-11.

¹¹⁸ Para verificar as famílias listadas por Schauff que participaram do esquema, cf. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Brasil, um Refúgio nos Trópicos**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996. p. 137.

¹¹⁹ “He also stated that he wanted letters entitling participants to land and milreis before completion of the orders for railway material, and he undertook that before such land letters are issued by P.P. Ltd. he will give to P.P. Ltd. a satisfactory guarantee from a bank guaranteeing due completion of their contract by Ferrostaal.” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 1, linhas 15-21.

Partindo dessas declarações, a intenção de Schauff era garantir, tanto aos emigrantes quanto à Paraná Plantations, que as negociações obtivessem êxito, evitando maiores complicações.

O assunto abordado no terceiro tópico foi a precificação dos lotes para o ano de 1936, já abrangendo os negócios a serem realizados através da triangulação. Para tal, foi estabelecido que o preço mínimo seria: 600\$000 por alqueire, caso o lote estivesse dentro de 10 km da estação ferroviária; 550\$000 por alqueire, se estivesse a mais de 10 km da estação. Embora todo o planejamento da Permuta de Interesses aspirasse facilitar a transferência das famílias alemãs – sobretudo as que sofriam com perseguições políticas e/ou religiosas –, o objetivo de lucrar com a venda dos lotes, por parte da *Parana Plantations*, não foi deixado de lado em momento algum. Percebe-se neste tópico que não houve referência a diferença de preços para compradores “comuns” e os participantes do esquema. Isso pode ser notado em: “Ficou acordado que o preço mínimo para venda de terras na Colônia Roland para o ano de 1936 seria: [...]”¹²⁰. A passagem deixa explícito que aqueles seriam os preços “para vendas de terras na Colônia Roland”, atribuindo um sentido de generalidade.

Seguindo, o quarto tópico chama atenção por tocar nas questões que envolvem a presença dos não-arianos na Permuta de Interesses. Todavia, ao longo da ata, este é o único momento em que faz-se referência aos não-arianos. O tópico se inicia com a seguinte colocação: “Foi expressa a opinião de que a questão da emigração de não-arianos ainda não estava madura”¹²¹. Neste sentido, é possível levantar um questionamento a respeito da tal falta de maturidade deste assunto, tendo em vista que, àquele momento, os não-arianos eram um dos grupos que mais necessitavam usufruir da triangulação. De qualquer forma, mesmo não tendo sido citados diretamente durante a reunião, entre 1936 e 1938 há uma crescente no número de famílias não-arianas – especialmente as de origem judaica¹²² – que utilizam das transações, até seu declínio em 1939. Considerando a crescente em 1936 e que a reunião ocorreu em novembro de 1935, essa questão sobre os não-arianos maturou bem rápido. Uma das razões para um possível tratamento de urgência com os

¹²⁰ “It was agreed that the minimum price for sales of land in Roland Colony for the year 1936 would be: [...]” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 1, linhas 23-24.

¹²¹ “The view was expressed that the question of emigration of non-Aryans was not yet ripe.” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 1, linhas 33-34.

¹²² KOSMINSKY, Ethel Volfzon. **op. cit.**, p. 58.

assuntos relacionados aos não-arianos nos meses seguintes pode estar relacionado à promulgação das Leis de Nuremberg.

Mais adiante neste mesmo tópico, os representantes discutiram sobre a possibilidade de os emigrantes saírem da Alemanha portando recursos financeiros. Uma parte do texto presente neste ponto encontra-se ilegível devido a uma deterioração causada por rasgo. No entanto, mesmo diante de tal adversidade física do documento, ainda é possível colher algumas informações presentes no trecho. Entende-se que a empresa colonizadora – Sociedade para Estudos Econômicos do Ultramar, a qual pela data ainda não havia sido absorvida pela Sociedade para Colonização no Estrangeiro – aponta que, teoricamente, seria possível para qualquer emigrante levar consigo a quantia de 2.000 marcos. A informação seguinte encontra-se interrompida pelo dano no documento:

Na prática, entretanto, o Escritório do Reich para Controle de Câmbio têm permitido à sociedade colonizadora 15.000 marcos por mês para todos [...] países, a fim de que, para todos os efeitos práticos, a emigração seja interrompida [...].¹²³

Baseando-se neste excerto, e apesar da avaria física, é possível analisar que em teoria, os interessados poderiam emigrar com uma certa quantia de fundos, porém na prática, o órgão oficial regulador do câmbio – que servia aos interesses do governo nazista – impõe a limitação de que somente 15.000 marcos seriam permitidos mensalmente, arruinando a possibilidade de que grande parte dos emigrantes pudessem obter esses fundos. Como descrito na ata, essa medida foi tomada pretendendo a interrupção dos processos de emigração que estariam ocorrendo na Alemanha.

Durante a reunião, foram propostas duas opções para tentar contornar as dificuldades impostas pelo regime nazista. Neste sentido, o processo migratório seria interrompido, a menos que o emigrante: “[...] (a) esteja preparado para comprar marcos bloqueados e obter seu capital com uma perda de quase 80 por cento, ou (b) se torne um participante em um acordo de terras-por-material”¹²⁴. Observa-se que a

¹²³ “In practice, however, the Foreign Exchange Control have only been allowing the *Siedlungsgesellschaft* 15,000 Marks per month for all [...] countries, so that for all practical purposes emigration is stopped [...]” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 1-2, linhas 37-41.

¹²⁴ “[...] is prepared to buy blocked Marks and to get his capital out at a loss of nearly 80 per cent., or (b) becomes a participant in a land-for-material deal.” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 2, linhas 42-44.

segunda opção praticamente ofusca a primeira, visto que é mais vantajosa para a pessoa que esteja interessada em sair do país. É possível pensar, observando este trecho, que a primeira opção poderia ser proferida como uma maneira de incentivar os interessados em emigrar a usufruírem da Permuta de Interesses. Para os negócios da *Parana Plantations Ltd.* – junto com ela, a CTNP – esse incentivo seria vantajoso, pois além de conseguir reunir material ferroviário para continuar a construção da estrada de ferro – um dos pontos essenciais para o empreendimento da CTNP –, agregaria colonizadores, que tornariam as terras produtivas e, por consequência, geraria lucro para a companhia britânica.

O quinto tópico indica um pouco mais sobre essa questão financeira. Nele, Schauff afirma que escreveu declarações de possíveis participantes no acordo de triangulação, que chegariam ao valor de 350.000 marcos, além dos 150.000 marcos que já teriam sido depositados na conta bloqueada da *Parana Plantations Ltd.* Na sequência lê-se o seguinte trecho: “Ele acrescentou que poderia obter qualquer quantia a mais”¹²⁵. Talvez de modo a convencer os investidores da *Parana Plantations* que o negócio compensaria, expõe-se os valores arrecadados e a possibilidade de acrescentar mais ainda nessas quantias. Portanto, ainda que uma rede de auxílio tenha sido estabelecida, é mais uma vez perceptível o interesse – especialmente por parte da CTNP – de lucrar com a venda das terras.

A questão subsequente, debatida no sexto tópico, possui como tema a proposta do Sr. Murray – possivelmente Charles Murray, uma das “personalidades paulistas”¹²⁶ que participou da administração da CTNP na década de 1920. A proposta consistia em, além dos materiais ferroviários, utilizarem automóveis da fabricante alemã Adler como objeto de troca nas transações. O assunto foi discutido e ficou estabelecido que “[...] o Dr. Schauff poderia ser capaz de encontrar participantes para esta forma de acordo [...]”¹²⁷. Nota-se que há essa tentativa de diversificar o acordo, ao invés de apenas manter o esquema com os materiais ferroviários, no entanto não foram encontradas maiores informações se, de fato, os automóveis puderam ser utilizados nas trocas. Sobre este tópico, é possível questionar se existia uma real necessidade da presença dos veículos no acordo, considerando o contexto em que o norte do

¹²⁵ “He added that he could obtain any amount more.” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 2, linha 49.

¹²⁶ COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **op. cit.**, p. 51.

¹²⁷ “[...] Dr. Schauff might be able to find land participants for deals of this sort [...]” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 2, linhas 52-53.

Paraná se encontrava. Os vilarejos recém fundados e com estradas rudimentares não eram grandes atrativos para esse tipo de produto. O que pode gerar uma reflexão sobre o interesse da elite envolvida com a CTNP, estabelecida sobretudo em São Paulo, em possuir esses objetos – considerados de luxo à época – apenas para satisfazer o prazer próprio.

O sétimo tópico presente na ata traz consigo uma dificuldade de entendimento, visto que neste trecho um certo “Petersens” é citado pela primeira vez sob pouca explanação de contexto. Não foi possível encontrar mais informações sobre este sujeito, mas a partir disso, supõe-se o envolvimento de mais um agente na Permuta de Interesses. Entende-se um pouco sobre o conteúdo tratado na reunião a partir do título deste tópico – “Conversão da compra de trilhos em um acordo de terra”¹²⁸. O tema estaria relacionado com as negociações que seriam realizadas no acordo de triangulação:

Dr. Schauff apresentou duas cartas de Petersens das quais parecia possível que esta transação pudesse ser convertida no sentido de que a P.P. Ltd. poderá recuperar, na forma de Mil-réis, por acordo com Petersens no Rio e o Banco do Brazil, 80% do valor desta ordem, e poderá recuperar parte ou a totalidade dos 20% dando aos participantes alemães uma taxa de câmbio de marco para Mil-réis menos favorável. Foi acordado que o Sr. Thomas deveria ver Petersens no Rio, e relatar a P.P. Ltd. o que pode ser feito.¹²⁹

Percebe-se que o trecho aborda sobre a possibilidade de realização da conversão dos materiais ferroviário em títulos de terras, dado que a *Parana Plantations* recuperaria 80% do valor dos lotes que foram trocados por estes materiais a partir de um acordo com o Banco do Brasil e o tal Petersens, além de parte ou totalidade dos 20% restantes a partir da aplicação de uma taxa cambial menos favorável para os alemães participantes do esquema. A última linha do excerto expõe que o responsável por tratar sobre este assunto com Petersens e “relatar a P.P. Ltd. o que pode ser feito” seria Arthur Thomas, dando a entender que ainda não havia total confirmação sobre a recuperação das porcentagens citadas. Outra vez nota-se os

¹²⁸ “Conversion of rail purchase into a land deal” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 2, linha 56.

¹²⁹ “Dr. Schauff produced two letters from Petersens from which it appeared possible that this transaction could be converted in the sense that P.P. Ltd. might be able to recover, in the form of milreis, by arrangement with Petersen's in Rio and the Bank of Brazil, 80 per cent of the value of this order, and might be able to recover part or all of the 20 per cent by giving to German land participants a less favorable rate of Mark/Milreis exchange. It was agreed that Mr. Thomas should see Petersens in Rio, and report do P.P. Ltd. what can be done.” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 2, linhas 57-66.

interesses econômicos da *Parana Plantations* sendo colocados à frente da rede de auxílio proposta por Schauff e Koch-Weser, até mesmo no que tange à taxa de câmbio, se recordarmos as dificuldades enfrentadas pelos emigrantes em sair da Alemanha com determinadas quantias em marco alemão.

O assunto subsequente levantado na reunião, no oitavo tópico, compreende as decisões a respeito dos vagões de passageiros utilizados como material de troca no acordo de triangulação. Foi deliberado que Schauff receberia as especificações exatas sobre os vagões de primeira e segunda classe, juntamente com os preços que a *Parana Plantations* aceitaria em cada categoria. Além disso, o general Asquith colocou que as únicas empresas aceitas como fabricantes dos vagões seriam a MAN e a Linke-Hofmann.

Em sequência, no nono e penúltimo tópico, Schauff expôs a dificuldade de encontrar compradores que realizassem as transações utilizando libras esterlinas. Ao que tudo indica, para os acordos de trocas serem realizados, 20% das operações deveriam ser realizadas na moeda britânica. A partir disto, consta na ata que:

Quando encontrou um potencial comprador de terras com libras esterlinas disponíveis, ele foi colocado na posição de ter que escolher entre incentivá-lo a adiar a compra imediata por dinheiro na esperança de obtê-lo como participante de um acordo de troca de terras ou fazê-lo comprar as terras de uma vez só por libras esterlinas.¹³⁰

Como uma forma de contornar a complexa situação de encontrar compradores deste padrão, Schauff sugere aos representantes da *Parana Plantations* que uma parte das libras esterlinas recebidas através das vendas dos lotes para suíços poderia ser utilizada de maneira a acrescentar os 20% exigidos para a realização das transações de trocas de terras.

O trecho seguinte encontra-se levemente avariado por conta de um rasgo na parte inferior esquerda da folha, mas não impossibilita a compreensão de seu sentido. Nele, foi relatada a recusa por parte dos representantes britânicos em relação à sugestão de Schauff, com a justificativa de que o uso da verba acumulada nas negociações das terras para os suíços poderia acabar causando complicações de diversas maneiras. Além disso apontam que, exceto por dois vagões de passageiros

¹³⁰ “When he found a prospective purchaser for land with sterling available he was put in the position of having to choose between encouraging him to postpone immediate purchase for cash in hope of obtaining him as a participant in a land exchange deal, and of getting him to buy land at once for sterling.” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 2, linhas 76-81.

que iriam exigir £800, outros esquemas que dizem respeito à troca das terras não necessitariam de qualquer quantia em libra esterlina. Como conclusão deste item, foi constatado que:

Os representantes da P.P. Ltd. disseram que, em qualquer medida razoável, mas inteiramente a seu próprio critério, e sem referências a acordos com os suíços, eles pretendiam agir de forma a ajudar Schauff da maneira sugerida, mas que eles não podem se vincular, ou assumir qualquer compromisso de fazê-lo.¹³¹

Embora deixando claro que não se vinculariam ou assumiriam algum compromisso neste sentido, identifica-se que Schauff receberia algum suporte dos britânicos a partir do que propôs como sugestão anteriormente – completar os 20% de libras esterlinas requeridas pelo esquema de troca –, com a condição de evitar a mistura entre as operações com os suíços e as negociações de triangulação.

Por fim, o décimo e último tópico presente na ata abrange como assunto principal a maneira que Schauff seria remunerado, com base nas transações de trocas. A discussão inicia-se com a seguinte colocação:

Dr. Schauff, tendo declarado que este ano gastou cerca de 6.000 a 7.000 marcos em negócios de troca de terras e 3.000 marcos em outras atividades; que recebeu ou vai receber da Ferrostaal 6.000 marcos, dos compradores de lotes 2.000 marcos, de 22 famílias suíças que estão comprando este ano 220 alqueires, digamos, 11 contos, e ele tem um crédito com a Companhia de Terras em vendas anteriores de 3 contos, os representantes da P.P. Ltd. concordam que as comissões para o ano de 1936 devem ser as seguintes [...].¹³²

Baseado neste excerto, verifica-se que Schauff gastou em torno de 16.000 marcos com a realização das operações da Permuta de Interesses e outras atividades. Junto a isso, existem também os valores que recebeu da Ferrostaal, dos compradores de terras e das famílias suíças, além da dívida da CTNP de 3 contos, o que somados seriam 8.000 marcos e mais 14:000\$000 réis. Estes gastos e

¹³¹ “The representatives of P.P. Ltd. said that to any reasonable extent, but entirely in their own discretion, and without references to Swiss deals, they intended to act in such a way as to help Dr. Schauff in the manner suggested, but that they cannot bind themselves, or give any undertaking to do so.” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 3, linhas 96-101.

¹³² “Dr Schauff, having stated that this year he has spent about 6,000 to 7,000 Marks on land exchange deals, and 3,000 Marks on other activities; that he has received, or is to receive - from Ferrostaal 6,000 Marks, from land buyers 2,000 Marks, from 22 Swiss families who are buying this year 220 alqueires, say, 11 contos, and he has a credit with the Land Co on past sales of 3 contos, the representatives of P.P. Ltd. agree that commissions for the year 1936 should be as follows [...]” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 3, linhas 103-111.

recebimentos apontam o empenho de Schauff nas negociações, visto que estes não eram valores baixos, especialmente se considerarmos o contexto dos fatos.

Sobre as comissões, foram estabelecidas determinações para as diferentes formas de negócios realizadas:

A P.P. Ltd. fixa o preço pelo qual a terra pode ser vendida, tal preço incluindo comissões: (I) em negócios na Europa fora da Alemanha de 10 por cento para Schauff, dos quais ele tem que satisfazer todas as reivindicações e despesas de qualquer natureza, por exemplo, em conexão com ANSA, Fundo Cultural, subagentes, etc.; (II) em negócios na Alemanha para a Colônia Roland – comissão como até o presente momento, desde que os atuais acordos do Fundo Cultural sejam válidos.¹³³

A primeira condição diz respeito às negociações realizadas na Europa, porém fora da Alemanha. Ficou determinado que Schauff receberia 10% em comissões para cobrir os gastos próprios ou que envolvessem terceiros, a exemplo ANSA, Fundo Cultural e de subagentes. A Associação Emergencial para Estabelecimento e Emigração (*Arbeits-Notgemeinschaft für Siedlung und Auswanderung*) foi um grupo de trabalho que gerenciava e dava suporte aos emigrantes da Suíça¹³⁴. No contexto da ata, os suíços adquiriam terras da CTNP através do intermédio de Schauff. Não usufruíam da Permuta de Interesses, mas obtinham auxílio para se estabelecerem no norte do Paraná¹³⁵. Sobre o Fundo Cultural, foi utilizado na arrecadação de recursos, estes que seriam convertidos em benfeitorias na Colônia Roland. De acordo com Nixdorf,

O imigrante iria comprar suas glebas da Companhia de Terras. Dez por cento desse valor deveria ser revertido a favor de um Fundo Cultural, que ficaria à disposição do gerente colonial, para fins de assistência cultural aos colonos, construção de escolas e igrejas, pagamentos de professores e sacerdotes e muitas outras coisas mais.¹³⁶

¹³³ “P.P. Ltd. fixes the price at which land may be sold, such price including commissions: (I) on business in Europe outside Germany of 10 percent to Dr. Schauff out of which he has to satisfy all claims and expenses of whatsoever nature, e.g. in connection with ANSA, Kultur Funds, sub-agents, etc.; (II) on business in Germany for Roland Colony - commission as heretofore, so long as present Kultur Fund arrangements hold good.” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 3, linhas 112-121.

¹³⁴ LETTAU, Marc. From Switzerland out into the great wide world. **Swiss Community**, 2019. Disponível em: <https://www.swisscommunity.org/en/news-media/swiss-review/article/from-switzerland-out-into-the-great-wide-world>. Acesso em: 24, out. 2022.

¹³⁵ Cf. NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 534. p. 1-2.

¹³⁶ NIXDORF, Oswald. **op. cit.**, p. 20.

A respeito da segunda condição, em relação aos negócios firmados na Alemanha para a Colônia Roland, Schauff continuaria a embolsar a comissão da mesma forma até aquele instante da reunião, contanto que o Fundo Cultural estivesse com os acordos em dia. Desta forma, é possível considerar que ele já recebia uma certa remuneração em relação às vendas dos lotes a partir da colocação “como até o presente momento”.

Outras duas disposições sobre o pagamento das comissões foram:

(III) em acordos com vagões ferroviários – Nos. 1 e 2: para todos os 20 vagões de passageiro e 10 vagões plataformas, 10% do valor do terreno vendido deve ser creditado em mil-réis ao Dr. E. Koch-Weser, e com isso ele deve satisfazer as reivindicações do Dr. Schauff, e as reivindicações, se houver, do Fundo Cultural da Colônia Roland; (IV) em vendas avulsas superiores a 1.000 alqueires de área, o valor da comissão do Dr. Schauff será negociada em cada caso.¹³⁷

A terceira condição trata sobre as trocas de lotes por vagões ferroviários. Neste sentido, uma taxa de 10% seria paga inicialmente à Koch-Weser, para que liquidasse as reivindicações de Schauff e do Fundo Cultural. Por fim, a quarta e última condição proposta sobre as comissões se dá perante as vendas singulares que excedessem a quantia de 1.000 alqueires, ou seja, aquelas realizadas para compradores independentes, que não gozassem do esquema de triangulação, por exemplo.

Por último, o seguinte fragmento finaliza a ata de reunião. Tem-se que:

Em todos os casos: (a) a comissão é paga integralmente nas moedas em que é recebida a partir da primeira parcela, se a primeira parcela não for inferior a 30% do preço total de compra; (b) a Companhia não pagará, em nenhum caso, qualquer comissão adicional a terceiros e, nas vendas em que o Dr. Schauff está envolvido, a Companhia deve ser a única a julgar se ele esteve principalmente ou exclusivamente envolvido em negociá-las, e quanto à proporção de comissão conforme a escala acima à qual as partes devem ter direito.¹³⁸

¹³⁷ “(III) on railway wagon deals - Nos. 1 and 2: for in all 20 wagons and 10 flat cars, 10 per cent on the value of the land sold is to be credited in milreis to Dr. E. Koch-Weser, and out of this he is to satisfy the claims of Dr. Schauff, and the claims, if any, of the Roland Kultur Fund; (IV) on single sales exceeding 1,000 alqueires in area, the amount of Dr. Schauff's commission is to be a matter of negotiation in each case.” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 3, linhas 122-130.

¹³⁸ “In all cases: (a) Commission is payable in full in the currencies in which it is received out of the first instalment, if the first instalment is not less than 30 per cent. of the total purchase price; (b) the Company will in no case pay any additional commission to any third party, and in sales in which Dr. Schauff is concerned, the Company must be the sole judges as to whether he has been primarily or solely concerned in negotiating them, and as to the proportion of commission as the above scale to which parties must be entitled.” (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 3, linhas 131-143.

Neste último trecho, a folha do documento encontra-se avariada por conta de um rasgo na parte inferior esquerda, danificando duas ou três das linhas finais, mas não impossibilitando o entendimento completo das duas últimas cláusulas. As considerações finais em relação às comissões constata a presença fiscalizadora da CTNP nos negócios realizados por Schauff, além de determinar o recebimento limitado à moeda utilizada no pagamento da primeira parcela, desde que esta não seja inferior a 30% do valor total do lote.

Com base no tópico final que trata sobre a remuneração de Schauff, é possível verificar que, apesar da Permuta de Interesses possuir como finalidade o auxílio daqueles que se encontravam impactados por conta da ascensão do regime nazista, toda movimentação e esforços exercidos pelos idealizadores do esquema geravam custos. Normalmente, como descrito na ata, uma boa parte desses gastos eram quitados pelo próprio Schauff. Pela lógica, quanto mais pessoas interessadas em sair daquela Europa carregada de tensões, perseguições e violência, às vésperas do estopim da Segunda Guerra Mundial, maior seria a rede de auxílio administrada por Schauff. E quanto maior o número de compradores de lotes, mais lucros gerados à CTNP e, conseqüentemente, à Schauff através das comissões.

4. ABORDAGENS SOBRE A PERMUTA DE INTERESSES E O DOCUMENTO COMO OFICIALIZADOR DAS NEGOCIAÇÕES

4.1 Operações triangulares: reflexões e dificuldades

O papel fundamental da Permuta de Interesses no contexto das perseguições étnico-religiosas na Alemanha é inquestionável. Os esforços de Schauff e Koch-Weser para que toda rede de auxílio obtivesse sucesso salvaram, de fato, as vidas de dezenas de famílias que se estabeleceram na Colônia Roland entre 1935 e 1939.

Os assuntos tratados na ata da reunião representam apenas uma pequena parte do que realmente foi a Permuta de Interesses. As disposições definem os passos que deveriam ser seguidos especificamente no ano de 1936, desde os valores das terras que seriam negociadas, até às comissões que a serem recebidas por Schauff. Não se tem informações sobre alterações nos valores citados em relação aos anos seguintes em que as transações continuaram sendo executadas.

A hipótese é que possivelmente outras reuniões, inclusive as anteriores à data da ata, foram realizadas entre os representantes alemães e britânicos para definições iniciais sobre a Permuta. Este argumento pode ser justificado a partir da colocação de Schneider:

Até 1935, eram principalmente opositores não judeus do regime – especialmente do meio político católico – que se beneficiavam dessas transações de troca com a ajuda de Schauff. Os primeiros colonos-emigrantes foram capazes, inclusive, de transferir o capital de giro necessário através da ‘Sociedade de Estudos’. A situação mudou quando, com a crescente discriminação e perseguição aos cidadãos judeus – culminando nas Leis de Nuremberg de 1935 e na ‘Noite dos Cristais’ de novembro de 1938 –, estes também dependiam urgentemente das oportunidades de emigração. Alguns deles – especialmente da classe média-alta – poderiam ser incluídos na empresa de transferência [...].¹³⁹

Além de considerar que os “opositores não judeus” citados por Schneider foram o principal público beneficiado pelas transações até 1935 – a reunião se deu em

¹³⁹ „Bis 1935 profitierten in erster Linie nicht-jüdische Regimegegner - vor allem aus dem katholischen politischen Milieu - mit Schauuffs Hilfe von diesen Austauschgeschäften. Die ersten Siedler-Emigranten konnten über die „Studiengesellschaft“ sogar das notwendige Betriebskapital transferieren. Die Lage änderte sich, als mit zunehmender Diskriminierung und Verfolgung der jüdischen Bürger - Kulminationspunkte bildeten die Nürnberger Gesetze von 1935 und die „Reichskristallnacht“ vom November 1938 - auch deutsche Juden dringend auf Emigrationsmöglichkeiten angewiesen waren. Eine Anzahl von ihnen - vor allem aus dem gehobenen Mittelstand - konnte in das Transferunternehmen aufgenommen werden [...]“ (tradução nossa) In: SCHNEIDER, Dieter Marc. **op. cit.**, p. 74-75.

novembro de 1935 –, deve-se também levar em conta o tópico da ata que indica a “imaturidade” sobre a ideia da emigração de não-arianos, ou seja, ainda não haviam chegado a uma conclusão se incluíam essas pessoas no esquema.

Outro fator indicativo de que a ata é um recorte de todo o esquema em si está relacionado com a construção da ponte ferroviária sobre o rio Tibagi. De acordo com Soares,

Projetada por Arthur Rangel Christoffel e seu escritório de engenharia sediado em São Paulo, a ponte transpondo o rio foi construída com concreto armado e o **aço das transações triangulares**. Este aço não era o denominado aço comum ou mole, era o excelente e padronizado *Stahl 52*, com ductibilidade superior, fruto já do desenvolvimento da indústria armamentista alemã.¹⁴⁰

Deste modo, considerando que a inauguração da ponte se deu no dia 28 de julho de 1935, e que o aço utilizado era originário das ditas transações triangulares, temos mais uma evidência que as negociações entre britânicos e alemães já haviam começado antes da reunião ocorrida em novembro de 1935.

Uma notícia publicada no dia 1º de agosto de 1935 no jornal “O Estado de São Paulo” trouxe como manchete: “Progresso do norte do Paraná”, referindo-se à inauguração da ponte ferroviária sobre o rio Tibagi. Observa-se um trecho da publicação: “Tivemos a satisfação de ser os primeiros importadores desse aço no Brasil, cuja aplicação foi feita nesta ponte, sem aumento de despesas para a Companhia Ferroviária”¹⁴¹.

Este é um excerto do discurso proferido pelo engenheiro Arthur Rangel Christoffel, responsável pela obra da ponte ferroviária. Ao afirmar sobre o não aumento das despesas para a Companhia Ferroviária, mesmo a partir da importação do moderno aço alemão, reforça-se a hipótese de que as operações da Permuta já estavam sendo colocadas em prática anteriormente à reunião.

Uma outra questão tocante à Permuta de Interesses se dá a partir do conflito de ideais presentes nas questões administrativas da Colônia Roland. Após a GSA tomar controle das funções antes pertencentes a GWS em 1935, uma carta foi enviada para a *Parana Plantations* com algumas determinações a respeito do processo de colonização e transações de terras. A carta é datada de 20 de setembro de 1935, e

¹⁴⁰ SOARES, Marco Antonio Neves. **op. cit.**, p. 126. (grifo nosso).

¹⁴¹ PROGRESSO do norte do Paraná. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 de ago. de 1935.

foi assinada por Meyer, representante da GSA em Berlim. O primeiro trecho, sobre a colonização, aponta que:

Em pleno acordo com o Ministério das Relações Exteriores e o Escritório do Reich para a Emigração, pedimos que você lide com todas as questões relativas à colonização em Roland junto conosco a partir de agora. O Sr. Nixdorf em Roland é nosso funcionário; seus poderes são limitados e restritos a orientar e cuidar dos colonos alemães.¹⁴²

A partir desta colocação, ficou estabelecido que a GSA seria a responsável por todas as questões relacionadas à colonização na Colônia Roland, além de reforçar a figura de Nixdorf como um funcionário com funções limitadas às orientações junto aos colonos. Uma hipótese é que, a ação centralizadora tomada pela GSA pode indicar a intenção dos nazistas – uma vez que, como é sabido, este órgão responde aos interesses do regime – em estar diretamente no controle do assentamento. O segundo trecho, sobre as transações de terras, aponta que:

Também em pleno acordo com o Ministério das Relações Exteriores e o Escritório do Reich para a Emigração, gostaríamos de informá-lo de que as autoridades do Reich não estão dispostas a aprovar transações de terras de terceiros ou grupos que possam lidar com a acomodação de colonos alemães em Roland. Enfatizamos que nossa sociedade é a única que é oficialmente reconhecida pela colonização alemã em Roland.¹⁴³

Neste sentido, a GSA, com apoio das autoridades nazistas, se colocou abertamente contrária a presença de terceiros ou de outros grupos que se envolvessem na acomodação de colonos alemães na Colônia Roland, visto que tal interferência poderia afetar a integridade de sua influência na direção do vilarejo. Portanto, considerando que algumas transações já estavam sendo realizadas através do esquema de triangulação no contexto da carta, pode-se associar o comportamento centralizador da GSA à uma possível vulnerabilidade, visto que os alemães

¹⁴² „Im vollen Einverständnis mit dem Auswärtigen Amt und der Reichsstelle für das Auswanderungswesen bitten wir Sie, alle Fragen, die Kolonisation in Roland betreffen, nunmehr allein mit uns zusammen zu behandeln. Herr Nixdorf in Roland ist unser Angestellter; seine Vollmachten sind begrenzt und beschränken sich darauf, die deutschen Siedler anzuleiten und zu betreuen.“ (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 538. p. 1.

¹⁴³ „Gleichfalls im vollen Einverständnis mit dem Auswärtigen Amt und der Reichsstelle für das Auswanderungswesen möchten wir Ihnen mitteilen, dass die Reichsbehörden nicht gewillt sind, Landgeschäfte dritter Personen oder Gruppen, die sich mit der Unterbringung deutscher Siedler in Roland befassen könnten, zu billigen. Wir betonen, dass unsere Gesellschaft die einzige ist, die für die deutsche Kolonisation in Roland amtlicherseits anerkannt ist.“ (tradução nossa) In: NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 538. p. 1.

estabelecidos através da Permuta naquele momento eram, sobretudo, opositores do regime nazista.

Além disso, a intenção dos representantes da GSA para a Colônia Roland era que fosse um local destinado exclusivamente a alemães arianos. É possível verificar tal afirmação em uma carta – já citada no capítulo anterior – enviada por Nixdorf à Schauff em 18 de maio de 1936. Recapitulando o conteúdo da carta, Nixdorf aponta sobre a garantia que von Freeden – representante da GSA em Curitiba – deu ao NSDAP de que a Colônia Roland permaneceria ariana. Com o aumento da presença de não-arianos adquirindo terras na Colônia – a partir da Permuta de Interesses –, Nixdorf coloca que o Partido se sentiu ofendido. Ele aponta que conseguiu ganhar um tempo “enrolando” von Freeden, ao dizer que a presença dos não-arianos era apenas provisória, e finaliza o trecho aconselhando Schauff a não enviá-los para a Colônia Roland.

Em adição às disputas políticas e ideológicas que envolvem o contexto da realização da Permuta, alguns dos participantes acabaram passando por dificuldades financeiras e de acesso às terras adquiridas. Um dos exemplos foi o caso de Ricardo Loeb-Caldenhof. De acordo com Soares, “Seu dinheiro estava bloqueado e enfrentava dificuldades financeiras; passava por problemas familiares e seu casamento estava desfeito pelas leis de Nuremberg, já que sua esposa era ariana.”¹⁴⁴

Além dos problemas com o bloqueio de dinheiro que alguns participantes enfrentavam, houve casos em que as famílias pagaram pelos materiais ferroviários – uma das etapas do esquema de triangulação – e não conseguiram ter acesso às terras em troca. A transação que seria realizada no ano de 1939 foi impedida pelo estopim da Segunda Guerra Mundial. Segundo Soares,

A Noite dos Cristais, a invasão da Polônia e o início da guerra inviabilizaram a transação quando ela praticamente se efetivava, deixando sem dinheiro, sem propriedade, sem *affidavit* e sem visto de entrada diversas pessoas que fecharam acordo com a companhia de colonização inglesa e a Sociedade para o Assentamento no Estrangeiro [...] ¹⁴⁵

Os casos envolvidos na “transação que não deu certo” foram relatados por Susanne Behrend, Leni Hinrichsen e Brigitte Wendel na obra de Fischer¹⁴⁶ sobre as

¹⁴⁴ SOARES, Marco Antonio Neves. *op. cit.*, p. 77-78.

¹⁴⁵ *Ibid.*, p. 79-80.

¹⁴⁶ FISCHER, Gudrun. **Abrigo no Brasil: judias alemãs em fuga do terror nazista**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

memórias de mulheres judias refugiadas em Rolândia. Embora exista uma divergência sobre qual tenha sido a última transação – se foi a 19ª ou a 16ª, como aparece em alguns relatos – muitas famílias acabaram sendo afetadas pela “quebra do contrato” ocasionada pelos esforços de guerra.

Os alemães que usufruíram da Permuta de Interesses para a aquisição de terras na Colônia Roland não possuíam tantas características diferentes entre si no que tange à classe social. Por outro lado, as características do tipo de imigração que ocorreu neste contexto da década de 1930 eram diferentes dos processos migratórios ocorridos até 1920. Segundo Oberdiek,

Normalmente, não eram pessoas com dificuldades financeiras. Fundamentalmente, o que os distinguia era a necessidade de sobrevivência física e imediata, junto com a posse de recursos econômicos para recomeçarem vida nova. Por essas características, geralmente não eram agricultores e/ou camponeses.¹⁴⁷

Pelo fato de a maioria dos imigrantes alemães – sobretudo os judeus-alemães – estabelecidos na Colônia Roland através da Permuta não terem contato com a agricultura ou quaisquer práticas relacionadas ao trabalho braçal, encontrou-se algumas dificuldades de adaptações. Sobre esses refugiados de origem judaica e suas profissões, Kosminsky destaca que: “A maioria era de nível universitário advogados, economistas, engenheiros, médicos, etc. Nem todos exerciam suas profissões na Alemanha. Alguns eram industriais, outros comerciantes”¹⁴⁸. Neste sentido, pode-se dizer que grande parcela dos imigrantes que negociaram através das transações triangulares possuíam recursos financeiros disponíveis e eram profissionais liberais.

4.2 Diferentes narrativas sobre a Permuta de Interesses: historiografia

Ao longo das décadas, diversas produções sobre a história dos acontecimentos que culminaram na formação da Colônia Roland abordaram a Permuta de Interesses. Embora possamos notar semelhanças nas narrativas de cada obra, existem algumas discrepâncias que podem indicar uma certa imprecisão a respeito dos dados utilizados

¹⁴⁷ OBERDIEK, Hermann Iark. **Fugindo da morte: imigração de judeus alemães para Rolândia/PR**, na década de 1930. Londrina: EDUEL, 2007. p. 111-112.

¹⁴⁸ KOSMINSKY, Ethel Volfzon. **op. cit.**, p. 70-71.

por determinados autores. Por outro lado, é errôneo constatar que uma produção tem mais ou menos razão que outra sobre seus dados apresentados. O que pretende-se neste tópico é verificar de que maneira os autores apresentaram a realização da Permuta de Interesses, a quantidade de operações realizadas e o número de famílias abrigadas, a fim de compreender – se existentes – as diferenças e semelhanças em cada obra.

Como primeira perspectiva a ser observada, temos Villanueva, que aponta:

Assim formado o plano, que consistia em o emigrante alemão transformar seus haveres em cartas de crédito de material ferroviário, com os quais poderia adquirir terras no norte do Paraná, ao mesmo tempo que a Estrada de Ferro São Paulo Paraná poderia prosseguir com a construção da linha com material de origem alemã.¹⁴⁹

A descrição de Villanueva não se coloca diferente das outras que serão analisadas em breve, exceto quando aponta que Oswald Nixdorf teria sido o idealizador da Permuta. Sobre isso, argumenta que: “Fruto da imaginação fértil de Oswald Nixdorf, esse acordo que na época estava estimado em 2.000.000 de marcos, desenvolvia-se com grande benefício a todos [...]”¹⁵⁰.

A apresentação feita por Kosminsky sobre a Permuta se deu da seguinte forma:

Os alemães desejosos de emigrar encontraram uma fórmula para contornar a dificuldade: uma permuta de material ferroviário por terras, que funcionava assim: os recursos de que dispunham os emigrantes eram considerados como um crédito para a posse de terras em Rolândia; esse crédito era comunicado à Inglaterra, que adquiria com ele material ferroviário na Alemanha; o imigrante e o material ferroviário chegavam ao porto de Santos praticamente juntos.¹⁵¹

Em seguida, podemos visualizar a definição proposta por Carneiro sobre a triangulação:

Estes trâmites ficaram conhecidos como ‘negócios triangulares’ ou seja: era possível comprar terras no Norte do Paraná através de uma conta vinculada com a Cia Paraná Plantations. Assim, o dinheiro depositado pelos judeus para o pagamento dos lotes não saía da Alemanha. Com este capital os ingleses da Cia Paraná Plantations compravam material ferroviário da indústria pesada alemã (trilhos, vagões, locomotivas) com o objetivo de construir uma linha ferroviária que iria de São Paulo em direção ao Norte do

¹⁴⁹ VILLANUEVA, Orion. **op. cit.**, p. 36.

¹⁵⁰ Ibid. p. 37.

¹⁵¹ KOSMINSKY, Ethel Volfzon. **op. cit.**, p. 56.

Paraná. Esta transação interessava a todas as partes, incluindo a firma FERROSTAL (sic), fabricante de material ferroviário.¹⁵²

Ainda a respeito da narrativa de Carneiro, ela assinala:

A *Paraná Plantations* mantinha contas em vários bancos alemães onde os interessados faziam depósitos equivalentes aos preços das propriedades a serem compradas. Por este câmbio o comprador recebia um título que lhe garantia um determinado lote de terra: comprava-se 'no escuro'. [...] operação esta impossível de ser realizada depois de 1936.¹⁵³

Por fim, a última escrita selecionada que abrange as ocorrências da Permuta de Interesses é a de Schneider, autor da obra biográfica sobre Johannes Schauff. Um primeiro destaque deve ser feito quando aponta: “Para remediar essas dificuldades, Johannes Schauff projetou um modelo de financiamento [...]”¹⁵⁴. No tocante à realização da Permuta, Schneider descreve:

Aqueles que pagaram por equipamentos ferroviários para a “Parana Plantation” na Alemanha receberam certificados de partilha de terras em troca; isso significava a entrada e a permissão de assentamento no Brasil [...]. Para isso, Schauff instalou o “Serviço Econômico Alemão-Brasileiro”, que fornecia informações sobre as condições negociadas com o Escritório do Reich para Controle de Câmbio, bem como sobre as condições de implementação e os custos da compra de terras.¹⁵⁵

A disposição dos excertos acima – presentes em quatro narrativas diferentes – foi feita a partir de uma ordem cronológica – de 1974 até 2001 –, de modo a permitir uma percepção de possíveis inspirações e referências nas ideias de cada autor.

O argumento de que Nixdorf teria sido o arquiteto de todo o projeto da Permuta de Interesses aparece somente em Villanueva (1974). Inclusive, em nenhuma das outras obras o nome de Nixdorf é sequer citado sendo relacionado com o projeto. Isso pode ser pensado também em relação ao que foi verificado na própria ata de reunião,

¹⁵² CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **op. cit.**, p. 137.

¹⁵³ *Ibid.*

¹⁵⁴ „Zur Behebung dieser Schwierigkeiten entwarf Johannes Schauff ein Finanzierungsmodell [...]“ (tradução nossa) In: SCHNEIDER, Dieter Marc. **op. cit.**, p. 74.

¹⁵⁵ „Wer Eisenbahn-Material für die „Parana-Plantation“ in Deutschland bezahlte, erhielt dafür im Gegenzug Landanteilscheine; diese bedeuteten die Einreise- und Niederlassungsgenehmigung in Brasilien [...]. Dazu installierte Schauff den „DeutschBrasilianischen Wirtschaftsdienst“, der über die mit der Reichsstelle für Devisenbewirtschaftung verhandelten Konditionen sowie über die Durchführungsbedingungen und Kosten des Landkaufs informierte.“ (tradução nossa) In: SCHNEIDER, Dieter Marc. **op. cit.**, p. 74.

analisada no capítulo anterior, sobre a ausência de Nixdorf nas negociações entre os alemães e a *Parana Plantations*.

O discurso de Kosminsky (1985) não se distancia da descrição apresentada por Villanueva – em suas referências, encontra-se a obra do referido autor –, entretanto, demonstra ser um pouco mais descritivo a respeito dos passos realizados no esquema. Além disso, a autora destaca como benefício das negociações a possibilidade de retomada da colonização alemã¹⁵⁶ na região da Colônia Roland.

O trecho seguinte, escrito por Carneiro (1996), apresenta uma maior quantidade de detalhes, no entanto, sua narrativa não se diferencia, em essência, das outras duas apresentadas anteriormente. Chama atenção uma questão destacada pela autora, que diz respeito à data em que as transações foram impossibilitadas. Ela mostra que foi após 1936, onde na realidade se efetivaram operações até o início da guerra, em 1939.

Em contrapartida à Villanueva, Schneider (2001) explicita que Schauff teria sido o idealizador do projeto da Permuta, além de destacar algumas de suas ações que colaboraram para que todo o esquema obtivesse êxito. Embora dê destaque aos feitos de Schauff, seu discurso possui semelhanças com os outros autores citados no que tange à estrutura da realização do esquema.

Esta breve análise sobre as escritas acerca da realização da Permuta de Interesses evidencia uma semelhança na ideia central, constituída pela troca de materiais ferroviários adquiridos na Alemanha por concessões de terras na Colônia Roland. Uma hipótese para tal proximidade dos discursos é a utilização das obras mais antigas como referência – Villanueva (1974) e Kosminsky (1985) –, ao ponto que a própria pesquisa de Kosminsky se apoia no trabalho de Villanueva; Carneiro, por seu turno, também utiliza a perspectiva de Villanueva; e Schneider se alicerça em Kosminsky.

O fator que mais se destaca entre as narrativas se dá em Villanueva e Schneider, onde mais uma vez se nota uma contraposição entre Nixdorf e Schauff. Nesta ocasião, há uma “disputa” quanto à autoria do projeto da triangulação. Tal como ressaltado no capítulo anterior sobre os conflitos pela figura de “fundador de Rolândia”, neste momento nota-se algo similar.

¹⁵⁶ KOSMINSKY, Ethel Volfzon. **op. cit.**, p. 56.

Em relação ao número de operações e famílias que usufruíram da Permuta, as diferenças são mais frequentes entre determinados autores. No caso das obras de Villanueva e Kosminsky, não há uma abordagem aprofundada acerca da quantidade de transações ou das famílias estabelecidas através da triangulação.

Tem-se, segundo Schneider¹⁵⁷, que foram realizadas 16 operações com mais de 150 participantes. Carneiro¹⁵⁸ expõe a lista dos imigrados em função dos negócios de troca (*Liste der auf Grund der Austauschgeschäfte Ausgewanderten*) – documento redigido por Schauff –, contendo 59 famílias e 145 pessoas enumeradas ao todo, mas sem indicar quantas transações foram concluídas. Schwengber¹⁵⁹, coloca que 18 negociações foram realizadas ao todo, possibilitando a chegada de 150 famílias, sem citar se houveram tentativas de transações fracassadas. Por sua vez, Soares¹⁶⁰ indica que foram realizadas 18 tentativas de transações que envolviam o esquema de triangulação, as quais somente 16 deram certo, e que resultaram na entrada de 145 pessoas de 59 famílias diferentes.

Os dados apresentados sobre o número das negociações e das famílias estabelecidas mostram-se, em determinados casos, divergentes. A ocorrência mais discrepante se dá em Schwengber, que não cita sobre as transações fracassadas e aponta a entrada de 150 famílias, ao passo em que os outros autores apontam 59 famílias. No que se refere à quantidade de pessoas estabelecidas, é possível verificar números aproximados, entre 145 e 150 pessoas.

Desta maneira, é perceptível um desacordo – embora não seja extravagante – entre alguns autores a respeito da idealização do projeto, ou até mesmo sobre a quantidade de transações que obtiveram sucesso ou fracassaram. Por ser um recorte dos planejamentos realizados nos anos iniciais da execução da Permuta, a ata de reunião analisada previamente não apresenta um número específico de famílias ou operações, mas faz referência à lista que Schauff produziu, e que é destacada por Carneiro em sua obra.

4.3 Diferentes narrativas sobre a Permuta de Interesses: a visão dos imigrantes

¹⁵⁷ SCHNEIDER, Dieter Marc. **op. cit.**, p. 75.

¹⁵⁸ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **op. cit.**, p. 137.

¹⁵⁹ SCHWENGBER, Cláudia Portellinha. **op. cit.**, p. 78.

¹⁶⁰ SOARES, Marco Antonio Neves. **op. cit.**, p. 74.

A utilização das perspectivas dos imigrantes nos possibilita produzir uma comparação entre os elementos que integram as colocações dos autores utilizados acima, e, da mesma forma, com as determinações presentes na ata de reunião. Sobretudo em relação a esta última, confrontar possíveis semelhanças possibilita, de certa forma, verificar o que de fato foi cumprido no tocante às propostas feitas durante a reunião.

O primeiro ponto que permite uma comparação se dá em relação ao número de transações da Permuta que foram realizadas. De acordo com a entrevista de Susanne Behrend, encontrada na obra de Fischer:

Meus pais participaram da 19ª transação de permuta. Todo o material de troca já estava no navio, e o navio já havia deixado o porto – isso foi em setembro de 1939. E então a guerra eclodiu. O navio ainda não havia deixado as águas territoriais alemãs quando foi obrigado a retornar. Assim, a transação já havia ocorrido, mas nós havíamos perdido o direito às terras.¹⁶¹

Situação semelhante foi a de Brigitte Wendel, que relatou:

Tínhamos o *affidavit* da senhora Irma Koch-Weser, para nós quatro. E compramos sessenta alqueires de terras aqui, pela Companhia de Terras Norte do Paraná. Dezoito dessas transações deram certo. Quando estávamos no décimo nono negócio, não deu certo. Não recebemos nada. Perdemos dinheiro e perdemos a terra.¹⁶²

Ambas abordam sobre uma suposta 19ª negociação das triangulações. Embora não tenha sido de fato efetivada, essa última transação não é citada nos excertos retirados das narrativas dos autores no tópico anterior.

É possível visualizar nas duas ocasiões que as famílias pagaram pelos materiais ferroviários, necessários para a conclusão do negócio, e acabaram perdendo o dinheiro e as terras, em vista do início dos conflitos na Europa. Este acontecimento chama atenção, pois ao recordarmos um dos trechos da ata de reunião, temos a colocação de Schauff sobre o desejo de conceder garantia de recebimento das terras aos participantes da triangulação, o que permite levantar duas hipóteses: (I) não ter sido possível a concessão da garantia; (II) caso tenham sido estabelecida a garantia, o acordo não ter sido cumprido por parte da CTNP.

¹⁶¹ FISCHER, Gudrun. *op. cit.*, p. 25.

¹⁶² *Ibid.*, p. 56.

Outro relato que propicia aproximação com o documento da reunião é o de Rudolf Isay, em sua carta enviada à Alfred Stern:

Há algum tempo a Paraná Plantation Ltda. desenvolve com a Alemanha um assim chamado “negócio de troca”. Os emigrantes pagam na Alemanha em um dos grandes bancos a uma conta especial da Paraná Plantations e recebem em troca comprovantes de terreno. O dinheiro pago é mandado aos fabricantes alemães de locomotivas e vagões, que vão fornecer o material para nossa ferrovia. Terra em troca de locomotivas e vagões. Por este sistema, várias famílias da Alemanha se instalaram aqui e **algumas locomotivas da firma Henschel e vagões da Linke-Hoffmann (sic) estão em exercício.**¹⁶³

O fragmento da carta permite destacar dois pontos importantes. O primeiro possui relação com o trecho destacado, sobre os vagões da Linke-Hofmann estarem sendo utilizados na ferrovia. Além de ilustrar a prática da Permuta – os vagões sendo efetivamente trocados por terras e colocados em uso pela Cia. Ferroviária – a colocação de Isay confirma algo que foi proposto durante a reunião e registrado em ata. Se trata da determinação feita pelo general Asquith, no tópico de número 8¹⁶⁴, de que as únicas fabricantes aceitas para a produção dos vagões seriam a MAN e a Linke-Hofmann. O segundo ponto está ligado à data que a carta foi escrita – 21 de dezembro de 1935. No início do trecho, Isay propõe que a *Parana Plantations* estaria realizando as triangulações “há algum tempo”, dando a entender – e reforçando a hipótese – que as negociações já eram firmadas antes da reunião em Londres em novembro de 1935.

No tocante ao valor das terras adquiridas através da Permuta, Max Hermann Maier salienta: “Entre os anos de 1936 e 1939, era de 500.000 réis o preço do mato virgem por alqueire [...]. Essa quantia de 500.000 réis equivalia mais ou menos a 100 marcos”¹⁶⁵. Retornemos mais uma vez à ata da reunião, ao tópico de número 3¹⁶⁶, onde são estabelecidos os preços mínimos da venda de lotes para o ano de 1936. Tem-se que os valores se encontrariam na casa dos 600\$000 e 550\$000 por alqueire, a depender do distanciamento que o lote se encontrava da estação ferroviária. Nota-se uma divergência entre o relato de Maier e o documento analisado.

Neste mesmo assunto, Maier expõe que 500.000 réis equivaliam a 100 marcos, aproximadamente. Esta informação possibilita verificar que o alqueire era

¹⁶³ SOARES, Marco Antonio Neves. **op. cit.**, p. 169-170 (grifo nosso).

¹⁶⁴ NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 2, linhas 67-73.

¹⁶⁵ MAIER, Max Hermann. **op. cit.** p. 12.

¹⁶⁶ NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 1, linhas 22-30.

relativamente barato para o “tipo de imigrante” que usufruiu das negociações, visto que, em grande maioria, eram pessoas que possuíam boa qualidade na vida financeira. Consta na obra de Kosminsky, a partir das entrevistas que realizou, o relato de um imigrante – apresentado pela autora como “Senhor D” – que expressa:

Os imigrantes tinham terras, mas não tinham dinheiro; de modo que abriam pequenas roças para a subsistência e criavam porcos para vender. Muitos revendiam uma parte da terra para ter um capital para começar, para sobreviver até a colheita.¹⁶⁷

Um trecho que ajuda a esclarecer a colocação do Senhor D pode ser observado em Kosminsky e foi proferido pelo “Senhor L”: “[...] A outra forma de obterem capital era a venda de parcelas da fazenda. Minha fazenda que no início tinha 220 alqueires, atualmente (na época da entrevista), tem 50 alqueires”¹⁶⁸. Para complementar os dois relatos, Ricardo Loeb-Caldenhof narrou: “Assim, no início de 1938, recebi minhas cartas de terras de 300 alqueires ou cerca de 750 hectares”¹⁶⁹.

Posto isso, identifica-se que alguns participantes dos negócios triangulares adquiriam propriedades imensas, dado o baixo preço do alqueire a partir da conversão entre marco e mil-réis – logo, este fator refletiu também nas trocas de equipamento ferroviário pelas cartas de terra. No entanto, por não possuírem fundos para investir em suas propriedades, vendiam parte das terras para outros produtores, objetivando a subsistência a partir deste levantamento de capital.

Por último, é possível verificar que em certo momento no contexto das negociações – sobretudo com a agravação das perseguições na Alemanha e a fuga em massa para outros países – os nazistas procuraram dificultar o procedimento de saída dos perseguidos, uma vez que a intenção era o estabelecimento exclusivo de arianos na Colônia Roland. Acerca disto, Maier escreveu que:

As organizações dos nazistas e mesmo as sociedades de colonização no estrangeiro, já meio nazistas, tentavam cada vez mais levantar dificuldades para os emigrantes não nazistas desejosos de se estabelecerem como colonos no Brasil. Eles queriam, afinal, que só ‘arianos’ se estabelecessem no Brasil.¹⁷⁰

¹⁶⁷ KOSMINSKY, Ethel Volfzon. **op. cit.**, p. 63.

¹⁶⁸ *Ibid.*

¹⁶⁹ „So bekam ich Anfang 1938 meine Landletters über 300 Alqueiren Land beziehungsweise etwa 750 Hektar.“ (tradução nossa) In: LOEB-CALDENHOF, Ricardo. **Memoiren**. Rolândia: Edição particular, 1993. p. 42.

¹⁷⁰ MAIER, Max Hermann. **op. cit.**, p. 12.

Confrontando o apontamento de Maier com a ata da reunião, o tópico 4¹⁷¹ contém informações referente às imposições financeiras que os emigrantes estavam submetidos quando fossem se transferir para a Colônia Roland a partir da triangulação. Estas condições foram propostas com o objetivo de dificultar/cessar a emigração.

4.4 Experiências traumáticas e ressentimentos: memória x documento

Analisar os relatos e entrevistas daqueles que experienciaram diretamente os acontecimentos se mostra uma ação importante, pois torna possível visualizar a construção da memória e as possíveis influências que ela sofreu ao relatarem determinados fatos. No que tange a comparação dos relatos com a fonte documental, sua realização se torna uma prática interessante, pois possibilita compreender, de certa forma, algumas diferenças entre as narrativas que estão presentes na memória e no documento.

Entretanto, devido ao contexto em que as pessoas que concederam os relatos estavam inseridas – perseguição e expatriação –, considera-se uma certa cautela na análise e manuseio destas memórias. A ocorrência de ressentimentos esteve presente na vida das diversas famílias estabelecidas na Colônia Roland, podendo ser percebidos de distintas formas. Sobre isto, Pimenta Junior expressa que,

Embora não pudessem eliminar traços característicos de sua formação, muitos buscaram evitar a permanência de laços com a antiga pátria. Alguns se recusavam a falar o idioma alemão, outros jamais retornaram à Alemanha e com o tempo seus descendentes foram criando, segundo relatos e observações, um desapego ainda maior [...]¹⁷²

A tentativa de apagar o vínculo que possuíam com a antiga pátria pode ser considerado um artifício encontrado para tentar amenizar o trauma gerado pela maneira violenta e repentina que foram expatriados, além de ser uma atitude que demonstra estar carregada de mágoa e rancor.

Alguns exemplos que permitem observar a presença destes sentimentos podem ser encontrados nas entrevistas apresentadas por Fischer em sua obra. O

¹⁷¹ NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 1-2, linhas 31-44.

¹⁷² JUNIOR, Valdir Pimenta dos Santos. **Narrativas e lágrimas: a questão dos ressentimentos e a imigração alemã-judaica para o Brasil (1938-1981)**. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2008. p. 45.

primeiro caso está em uma das entrevistadas, que preferiu manter o anonimato. Nota-se em sua narrativa um receio de expor as memórias da transição, que é confirmado ao final do tópico por Fischer, que aponta: “Infelizmente, ela também retirou longos trechos de sua entrevista, porque não queria magoar as pessoas envolvidas e, além disso, na opinião dela, esse assunto não interessa mais a quase ninguém”¹⁷³.

A ideia de “magoar as pessoas envolvidas” e de que o assunto “não interessa mais” pode ser associada ao desejo pessoal do silenciamento, para que a partir disto, ocorra um esquecimento das experiências traumáticas. Neste sentido, Pollak escreve que “A essas razões políticas do silêncio acrescentam-se aquelas, pessoais, que consistem em querer poupar os filhos de crescer na lembrança das feridas dos pais”¹⁷⁴. Ou seja, no caso da entrevistada anônima, existe a tentativa de poupar os envolvidos das lembranças traumáticas.

O outro caso foi relatado à Fischer por Ruth Kaphan, quando questionada se voltaria para a Alemanha. Se referindo ao seu marido Cláudio, Kaphan destacou que “Ele não conseguiu digerir a história alemã. Ele não leu os livros, não assistiu aos filmes. [...] Hoje, o Cláudio rejeita tudo o que é tipicamente alemão. Ele não conseguiu perdoar”¹⁷⁵. Aqui é possível visualizar o desapego em relação à Alemanha gerado pelas experiências traumáticas.

É possível também compreender estes ressentimentos no caso das famílias que participaram da suposta 19ª transação da Permuta de Interesses, e que não conseguiram obter o acesso às terras. Num momento de insegurança e grave risco de vida ocasionado pelas perseguições, a impossibilidade de se estabelecer no refúgio provocou uma decepção que culminou nos sentimentos de mágoa, rancor e angústia.

Portanto, apesar da importância das memórias destes imigrantes que experienciaram o contexto, é necessário compreender que suas narrativas podem conter interferências causadas pelos traumas, que conseqüentemente geram um esquecimento. Quanto ao termo “esquecimento”, deve-se destacar que não está relacionado com o esquecimento da amnésia, por exemplo, mas sim como um mecanismo de defesa voluntário ou involuntário, no sentido de “querer-não-saber”, tal

¹⁷³ FISCHER, Gudrun. *op. cit.*, p. 63.

¹⁷⁴ POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. p. 6.

¹⁷⁵ FISCHER, Gudrun. *op. cit.*, p. 115.

como proposto por Ricoeur, “[...] enquanto estratégia de evitação, de esquiva, de fuga, trata-se de uma forma ambígua, ativa tanto quanto passiva, de esquecimento”¹⁷⁶.

Por outro lado, a narrativa presente no documento – representado aqui pela ata de reunião – escapa das possíveis distorções que os ressentimentos e as experiências traumáticas implicam. Entretanto, como proposto por Le Goff,

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram [...]. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente.¹⁷⁷

Posto isto, não se deve tomar o conteúdo do documento como sendo absolutamente confiável e sem manipulações. Em vista disso, busca-se verificar os acontecimentos registrados, realizando a comparação entre o documento escrito e os registros orais, na tentativa de cruzar dados e extrair informações semelhantes ou discrepantes, de modo a compreender melhor determinado contexto.

Ao aproximarmos esta ideia do enquadramento deste trabalho, foi possível elencar distinções após a comparação da ata de reunião com os relatos dos imigrantes que foram beneficiados pela Permuta de Interesses, como constatado.

A hipótese é que estas diferenças podem tanto estar conectadas com a questão das experiências traumáticas, quanto com o distanciamento entre o conteúdo debatido durante a reunião e os imigrantes beneficiados pela Permuta. Por não estarem completamente cientes das decisões estipuladas – afinal, a reunião foi composta apenas pelos representantes administrativos de cada parte –, existe a possibilidade de divergência entre as fontes.

Um exemplo desta possível falta de ciência dos participantes se dá sobre o problema encontrado na última operação. Mesmo a garantia¹⁷⁸ aos compradores ter sido um assunto discutido na reunião – e registrado em ata –, seu direito não foi cumprido nestes casos em que a transferência não obteve sucesso, sobretudo na dita 19ª transação. Os integrantes afetados não cobraram o direito à garantia junto a

¹⁷⁶ RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007. p. 456.

¹⁷⁷ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 514.

¹⁷⁸ A garantia presente na ata, conforme analisado no capítulo anterior, foi proposta por Schauff e consistia em conceder cartas que autorizavam o acesso às terras aos participantes – após o pagamento das quantias – antes mesmo da encomenda dos materiais ferroviários.

CTNP. A suposição transita por dois caminhos: ou a decisão em concedê-la foi renunciada posteriormente; ou os participantes sequer foram informados sobre a oportunidade da tal garantia.

4.5 A ata da reunião como documento oficializador do esquema

A partir da análise e da execução das comparações, sugere-se que a ata da reunião pode ser reconhecida como documento oficializador do esquema de acesso às terras. As obras que se debruçaram em explicar a Permuta de Interesses apresentadas anteriormente não fazem menção direta a este documento, o que nos leva a considerar que o embasamento de suas ideias estava centrado nas memórias e relatos dos próprios participantes.

O documento permite reconhecer que de fato existiu o esforço de contornar as imposições nazistas, a fim de propiciar aos perseguidos pelo regime um refúgio. Além disso, proporciona uma espécie de complemento ao relato oral, da mesma forma que o relato oral também o complementa. Neste sentido, surge o questionamento: por qual motivo os relatos orais não podem ser considerados oficializadores do esquema, visto que partem diretamente daqueles que vivenciaram os acontecimentos?

A resposta estaria de acordo com os apontamentos do tópico anterior, sobre a relação das experiências traumáticas e os esquecimentos com a narrativa presente nos relatos orais. As possíveis interferências geradas por estes fatores não possibilitam tomar, neste caso, as fontes orais como oficializadoras da Permuta de Interesses.

No entanto, não se propõe aqui descredibilizar os relatos orais. De acordo com Portelli, “Entrevistas sempre revelam eventos desconhecidos ou aspectos desconhecidos de eventos conhecidos [...]. Deste ponto de vista, o único problema colocado pelas fontes orais é aquele da verificação [...]”¹⁷⁹. De fato, as fontes orais possuem extrema importância para a compreensão dos acontecimentos desconhecidos e são essenciais para divulgar e pôr em discussão as narrativas daqueles que são oprimidos, excluídos da história. Isto pode ser percebido nos relatos

¹⁷⁹ PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 31.

em que se fala sobre uma 19ª transação, por exemplo, ao passo em que alguns autores que dissertaram sobre o tema sequer comentam sobre tal.

Ademais, sobre os preconceitos com as fontes orais, Portelli acrescenta que “Um sub-produto deste preconceito é a insistência de que as fontes orais se situam distantes dos eventos [...]. As fontes orais podiam compensar a distância cronológica com um envolvimento pessoal mais íntimo”¹⁸⁰. Todavia, o “envolvimento pessoal mais íntimo” citado pelo autor pode se tornar problemático ao considerarmos as memórias dos refugiados, uma vez que sua reprodução pode conter rupturas de identidade, que geram ressentimentos, que levam ao silenciamento e que, finalmente, engendra o esquecimento.

¹⁸⁰ PORTELLI, Alessandro. **op. cit.**, p. 33.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi construído nos três capítulos trabalhados nesta pesquisa, podemos perceber que os instrumentos do Imperialismo e suas consequências balizaram a formação do Norte do Paraná, seus núcleos urbanos e, sobretudo, sua população. De um lado nota-se a presença dos britânicos, que desde o início do século XIX até a chegada da Missão Montagu flertaram diretamente com o sistema econômico brasileiro. Do outro tem-se os alemães, que buscavam (re)expandir seu território após as amputações sofridas pelo Tratado de Versalhes.

Fatores como a missão econômica, a estrada de ferro e a companhia colonizadora simbolizam o propósito britânico de se arraigar na economia brasileira, além do desejo pela extração de lucros de uma área virgem, mas não despovoada. Cenário favorável para os alemães, que planejavam a organização de colônias no além-mar.

A conjugação entre estes dois imperialismos constituiu, por sua vez, a Colônia Roland. O vilarejo que nasce da interação entre duas formas distintas de Imperialismo – econômico de um lado, político do outro –, mais tarde, se torna rota de fuga para os perseguidos do regime nazista. Neste sentido, deve-se levar em conta que os princípios inscritos nas entrelinhas da formação da Colônia são os mesmos que alicerçam todo o sistema de opressão e perseguições políticas, que resultam no êxodo de opositores do regime e pessoas de origem judaica.

Estabelecido, o assentamento dispôs de Oswald Nixdorf como seu administrador. Figura prestativa e empenhada no desenvolvimento da Colônia, Nixdorf revelou-se uma pessoa controversa por conta de sua aproximação com setores burocráticos que respondiam ao governo nazista. Em contrapartida, Johannes Schauff, que também foi importante para o processo de formação e aprimoramento da Colônia, se posicionou contrário ao nazismo. Além disso, atuou como protagonista no esquema que possibilitou a entrada de diversas famílias alemãs importunadas por Hitler e seus seguidores.

Este esquema, nomeado aqui como “Permuta de Interesses”, pode ser reconhecido como uma rede de auxílios, visto a participação de componentes das mais variadas esferas, desde políticos até banqueiros, industriais, pessoas relacionadas com a Igreja Católica e a indústria pesada produtora de material ferroviário. Todavia, cabe aqui a consideração de que os “interesses” da tal Permuta,

especialmente da parte dos britânicos, estariam conectados diretamente com a ambição imperialista, mais especificamente, sobre o projeto da estrada de ferro.

Em alguns casos, os britânicos foram retratados como heróis, em concordância com o caso do relato de Max Hermann Maier: “Desta maneira os ingleses nos ajudaram, e a muitos e muitos fugitivos do nazismo, a começar uma vida nova, em liberdade, no Brasil”¹⁸¹. De fato, foram importantes para que as transações triangulares funcionassem. No entanto, a aspiração britânica inserida na Permuta se relacionou com a oportunidade de expandir a ferrovia e atingir um de seus objetivos mais antigos, que era atravessar o estado do Paraná e alcançar o Paraguai.

Esta ideia é reforçada ao observarmos o 7º tópico¹⁸² contido na ata da reunião, em que um dos assuntos registrados aborda a respeito da concepção da taxa de câmbio marco/mil-réis menos favorável aos alemães que participassem do esquema, para que desta forma, a *Parana Plantations* pudesse recuperar os 20% que faltava para a reposição dos valores referentes aos lotes que foram trocados por material ferroviário.

Uma discussão presente no segundo capítulo desta pesquisa buscou confrontar as perspectivas sobre quem teria sido, de fato, o fundador da Colônia Roland, a partir da ideia de mitologização de Oswald Nixdorf e das ações de Johannes Schauff como idealizador da Permuta de Interesses. O que podemos considerar é que ambos possuíram sua excepcional importância no tocante à formação da Colônia, embora não se deva colocar, um ou outro, na posição de fundador. Há uma multiplicidade de agentes fundadores na Colônia Roland, diversas famílias que se dedicaram em edificar o vilarejo como um todo.

Outra grande contraposição feita entre Schauff e Nixdorf pôde ser encontrada nas opiniões em relação à presença de famílias de origem judaica na Colônia. Pudemos perceber a insatisfação de Nixdorf, a partir das cartas enviadas à Schauff sobre a presença desses imigrantes, enquanto Schauff se manteve imerso nas reuniões e negociações que, posteriormente, originaram a Permuta de Interesses. Em determinada oportunidade, Villanueva¹⁸³ aponta ter sido Nixdorf quem projetou a Permuta, porém, esta perspectiva torna-se inválida quando confrontada com as cartas abordadas anteriormente.

¹⁸¹ MAIER, Max Hermann. **op. cit.**, p. 12.

¹⁸² NDPH-UEL. **Fd. Oswald Nixdorf**, 568. p. 2, linhas 56-66.

¹⁸³ VILLANUEVA, Orion. **op. cit.**, p. 37.

Há uma observação que podemos evidenciar sobre a Permuta de Interesses, conectada com o documento analisado no segundo capítulo desta pesquisa. Os registros da reunião realizada em novembro de 1935 entre Schauff, Koch-Weser e os representantes da *Parana Plantations* expõem que o encontro foi realizado para a discussão e ratificação de determinadas definições sobre a Permuta que seriam válidas para o ano de 1936 e, possivelmente, também para os anos seguintes.

O problema central relacionado com este documento estava em perceber se poderia ser considerado como oficializador da Permuta de Interesses. Logo, caso a resposta fosse positiva, pretendia-se expor quais os fatores que atestam tal colocação. Para isso, foi utilizada a análise documental com a finalidade de observar os elementos que foram discutidos na reunião e registrados na ata, para que posteriormente, estes elementos fossem comparados de duas maneiras. A primeira seria comparar com a bibliografia existente sobre o tema; a segunda, contrastar com os relatos dos imigrantes que participaram diretamente das transações inscritas na Permuta de Interesses.

Comparar os itens dispostos na ata da reunião com a bibliografia e os relatos permitiu observar as semelhanças e diferenças nas narrativas, o que possibilita identificar no documento possíveis confirmações – ou não – das memórias e do que foi proposto pelos autores das obras bibliográficas. Apesar de a ata ser um “recorte de um todo”, ou seja, de um projeto muito maior, é possível encontrar disposições importantes em sua extensão, que permitem configurá-la como o documento oficializador da Permuta de Interesses.

Questionou-se, inclusive, a impossibilidade de conceder aos relatos orais dos imigrantes esta característica de oficializador do esquema. No entanto, a problemática que ronda as questões relacionadas às memórias dos participantes da Permuta está ligada à experiência traumática vivida por eles. Os traumas causados pela abrupta mudança de costumes, a ruptura da identidade e a constante insegurança gerada pelas perseguições étnico-religiosas/políticas vão desencadear ressentimentos em grande parte das pessoas que vivenciaram o contexto. Por fim estes ressentimentos acabam, em alguns casos, ocasionando uma espécie de “esquecimento proposital”, causado pelo silenciamento – neste caso, pela opressão própria das lembranças.

Dessa forma, devido às possíveis interferências que as memórias dos imigrantes possam conter em suas narrativas, de modo a obstruir a linha de acontecimentos, toma-se o documento escrito – representado pela ata – como

oficializador da Permuta de Interesses. Como ressaltado no último capítulo da pesquisa, não se descarta, entretanto, os relatos orais como fonte de estudo. Muito pelo contrário. Menos ainda se considera que o documento escrito seja plenamente confiável. Cabe a nós historiadores, municiado de nosso ofício, analisar e desconstruir o documento, de modo a compreendê-lo como um produto de seu próprio contexto. Além disso, por se tratar de uma ata, seus registros foram escritos durante ou logo após a reunião, podendo conferir ao documento e suas disposições uma maior confiabilidade.

Em suma, todos os elementos elencados ao longo dos três capítulos indicam a complexidade, muitas vezes subestimada, da construção histórica de um pequeno vilarejo no Norte do Paraná, ainda enquanto “selva brasileira”. As interações existentes entre as escalas micro e macro¹⁸⁴ tornam o assunto intrigante e expõem a importância de investigar as memórias e histórias que originaram a Colônia Roland – sobretudo em nosso atual contexto, visto o espaço significativo que as ideias e manifestações ultraconservadoras têm obtido.

¹⁸⁴ REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p. 434-590, set./dez. 2010.

REFERÊNCIAS

Fontes

LETTAU, Marc. From Switzerland out into the great wide world. **Swiss Community**, 2019. Disponível em: <https://www.swisscommunity.org/en/news-media/swiss-review/article/from-switzerland-out-into-the-great-wide-world>. Acesso em: 24, out. 2022.

NDPH-UEL. Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica, **Fd. Oswald Nixdorf**, 2.

_____. Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica, **Fd. Oswald Nixdorf**, 20.

_____. Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica, **Fd. Oswald Nixdorf**, 568.

_____. Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica, **Fd. Oswald Nixdorf**, 408.

_____. Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica, **Fd. Oswald Nixdorf**, 409.

_____. Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica, **Fd. Oswald Nixdorf**, 577.

_____. Núcleo de Documentação e Pesquisa Histórica, **Fd. Oswald Nixdorf**, 720.

PROGRESSO do norte do Paraná. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 01 de ago. de 1935.

SCHWARTZ, Widson. Ingleses procuravam lugar para Londrina desde 1919. **Folha de Londrina**, Londrina, 4 de fev. de 1982.

Bibliografia

ALCÂNTARA, Lúcio Gonçalo de (org.). **Relatório da Missão Inglesa**. Fortaleza: FWA, 2010.

ARENDR, Hannah. **Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARIAS NETO, José Miguel. **O Eldorado: representações da política em Londrina (1930-1975)**. Londrina: EDUEL, 2008.

BARBIAN, Nikolaus. **Auswärtige Kulturpolitik und „Auslandsdeutsche“ in Lateinamerika 1949-1973**. Osnabrück: Springer, 2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **Perdas e ganhos: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

CAIN, Peter J.; HOPKINS, Antony Gerald. **British imperialism: 1688-2015**. 3. ed. Oxford: Routledge, 2016.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Brasil, um Refúgio nos Trópicos**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

CLÉMENT, Élisabeth *et al.* **Dicionário Prático de Filosofia**. Lisboa: Terramar, 1999.

COMPANHIA MELHORAMENTOS NORTE DO PARANÁ. **Colonização e desenvolvimento do norte do Paraná**. 3. ed. [s/l]: [s/e], 2013. Disponível em: <http://www.cmnp.com.br/melhoramentos/50anos-cmnp/files/CMNP.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2022.

FISCHER, Gudrun. **Abrigo no Brasil: judias alemãs em fuga do terror nazista**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FRITSCH, Winston. 1924. **Pesquisa e planejamento econômico**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 3, p. 713-774, dez. 1980. Disponível em: <https://ppe.ipea.gov.br/index.php/ppe/article/viewFile/457/400>. Acesso em: 16 mar. 2022.

FONTANA, Rosislene de Fátima. **Desenvolvimento do turismo rural no norte do Paraná: estudo de caso da fazenda Ubatuba/Apucarana/Pr**. 2005. 159 f. Dissertação (Mestrado em Turismo) – Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo, 2005.

FULBROOK, Mary. **História concisa da Alemanha**. São Paulo: Edipro, 2016.

HOBSBAWM, Eric. **A era dos impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. A Outra História: algumas reflexões. *In*: KRANTZ, Frederick. **A outra história: ideologia e protesto popular nos séculos XVII a XIX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1990. p. 18-33.

_____. **Sobre História**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

JOFFILY, José. **Londres-Londrina**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

JUNIOR, Valdir Pimenta dos Santos. **Narrativas e lágrimas: a questão dos ressentimentos e a imigração alemã-judaica para o Brasil (1938-1981)**. 2008. 112 f.

Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2008.

KOSMINSKY, Ethel Volfzon. **Rolândia, a terra prometida**: judeus refugiados do nazismo no norte do Paraná. São Paulo: Centro de Estudos Judaicos, 1985.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LINDLEY, Francis. **Lord Lovat**: a biography. London: Hutchinson & Co., 1935.

LOEB-CALDENHOF, Ricardo. **Memoiren**. Rolândia: Edição particular, 1993.

LORENZ, Stella. Processos de purificação: expectativas ligadas à migração alemã para o Brasil (1880-1918). **Espaço Plural**, v. 9, n. 19, p. 29-37, 2008. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1924>. Acesso em: 19, mai. 2022.

MAIER, Max Hermann. **Um advogado de Frankfurt se torna cafeicultor na selva brasileira**: relato de um imigrante (1938-1975). Rolândia: Gráfica Velox, 1977.

MASKE, Wilson. Brasil e Alemanha: imigração e imperialismo (1871-1918). **História: Debates e Tendências**, v. 14, n. 1, p. 182-192, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/4174>. Acesso em: 20, mai. 2022.

MONBEIG, Pierre. **Pioneiros e Fazendeiros de São Paulo**. São Paulo: Hucitec, 1984.

NIXDORF, Oswald. **Um pioneiro na selva brasileira**: a história de aventuras da colônia alemã de Rolândia. Londrina: EDUEL, 2016.

OBERDIEK, Hermann Iark. **Fugindo da morte**: imigração de judeus alemães para Rolândia/PR, na década de 1930. Londrina: EDUEL, 2007.

PESENTI, Álvaro. **De política e outras histórias**. Rolândia: Mart's Designer, s/d.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**, São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 25-39. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240>. Acesso em: 15, nov. 2022.

REVEL, Jacques. Micro-história, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, p. 434-590, set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/k5MsKMHv6ZQvPsF5vqvdkpB/?lang=pt>. Acesso em: 16, nov. 2022.

RICHARD, Lionel. **A República de Weimar (1919-1933)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.

RINKE, Stefan. German migration to Latin America (1918-1933). In: ADAM, Thomas (org.). **Germany and the Americas: culture, politics and history**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2005. p. 27-31.

SANTANA, Nara Maria Carlos de. Colonização alemã no Brasil: uma história de identidade, assimilação e conflito. **Dimensões**, v. 25, p. 235-248, 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2553/2049>. Acesso em: 23, mai. 2022.

SCHNEIDER, Dieter Marc. **Johannes Schauff (1902-1990): Migration und „Stabilitas“ im Zeitalter der Totalitarismen**. München: Oldenbourg, 2001.

SCHWENGBER, Cláudia Portelinha. **Aspectos históricos de Rolândia**. Cambé: Wgraf, 2003.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SOARES, Marco Antonio Neves. **Da Alemanha aos Trópicos: identidades judaicas na terra vermelha (1933-2003)**. Londrina: Eduel, 2012.

SPINNLER, Verena. Johannes Schauff (1902-1990) – “um homem do mundo”. In: MAINKA, Peter Johann; PRIORI, Ângelo (orgs.). **Rolândia no norte do Paraná: contribuições para a história da sua fundação**. Maringá: Eduem, 2017. p. 133-156.

TIEMANN, Joachim. Oswald Nixdorf (1902-1981). In: MAINKA, Peter Johann; PRIORI, Ângelo (orgs.). **Rolândia no norte do Paraná: contribuições para a história da sua fundação**. Maringá: Eduem, 2017. p. 91-132.

TOMAZI, Nelson Dacio. **Norte do Paraná: histórias e fantasmagorias**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2000.

VILLANUEVA, Orion. **Rolândia, Terra de Pioneiros**. Londrina: Gráfica Ipê, 1974.